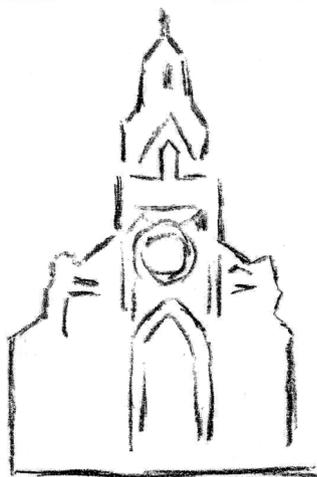


VICTOR AQUINO

O PADRE E O  
AÇOUGUEIRO



***inmod***<sup>®</sup>

# 1a orelha

*Em uma pequena cidade perdida no meio do nada e quase esquecida no extremo sul do país, durante a primeira metade do século passado, dominada por padrões culturais exacerbados, não parava padre algum. A mulher de um fazendeiro local, encarregada pelo bispo diocesano de guardar as chaves da igreja e da casa paroquial, mantinha a responsabilidade de conservação desses espaços físicos da igreja, como do suprimento alimentar do religioso que eventualmente estivesse ali. Não que ela própria esfregasse o chão e lavasse os utensílios do templo ou da residência paroquial. Como também não era ela quem preparava, quando necessário, essas refeições. Afinal, tinha uma multidão de empregados para isso. Contudo, essa incumbência fazia dela uma espécie de autoridade eclesiástica no lugar. Pelo menos era isso que ela imaginava de si mesma. Por esta razão não fazia a menor questão, como também não tinha o*

# O PADRE E O AÇOUGUEIRO



VICTOR AQUINO

O PADRE E O  
AÇOUGUEIRO

***inmod***<sup>®</sup>

© Victor Aquino Gomes Correa  
*O padre e o açougueiro*

INMOD Instituto da Moda  
São Paulo SP Brasil

**2 0 1 3**

Presidente do INMOD: *Taís Gomes Corrêa*  
Capa: *Emerson C. Nascimento*  
Revisão: *Camila Silvestre*  
Editoração eletrônica: *Tarlei E. Oliveira*

**ISBN: 978-85-87963-44-4**

[www.inmod.org.br](http://www.inmod.org.br)

*Tout n'est pas faux,  
tout n'est pas vrai.  
Mais tout ce qui est faux  
peut être vrai aussi.*

Jean Devèze





padre começava a acender as luzes do interior da igreja naquela madrugada de segunda-feira. Seria, efetivamente, o primeiro dia como pároco do lugar. Já fazia uma semana que ele tinha chegado ali. Agora, uma segunda-feira, 12 de março de 1945, estreava a madrugada com um aguaceiro que caía sem parar desde antes das quatro horas. Horário em que invariavelmente aquele homem acordava, tendo ou não algo de útil para fazer. Em determinado momento pareceu-lhe ouvir alguém bater à porta de entrada do templo. Ainda faltavam dez minutos para cinco da manhã. Ele estava inaugurando uma rotina que repetiria invariavelmente pelas próximas décadas, até entregar a paróquia, já combalido e doente pouco antes de morrer, no fim dos anos de 1990. A partir daquele dia, com chuva ou frio, em dias de semana, feriados ou domingos, ele sempre entraria por uma porta existente no fundo da igreja, que dava direto na sacristia, para dispor os paramentos na ordem de vesti-los, separar os utensílios do ofício religioso, acender as luzes, abrir de par em par a porta de entrada e, por último, subir até onde ficava o coro para puxar cinco vezes a corda do sino no campanário. A vida toda seriam cinco puxões breves durante a semana, incluindo os sábados, oito puxões mais longos aos domingos. Vivia a compulsão de um estratage-

ma pessoal para fazer as coisas sempre do mesmo jeito. A tal ponto de dar um nó na corda do sino, na altura de sua cabeça, de sorte a garantir que os movimentos fossem repetidos com precisão absoluta. Era nervosamente metódico e se tornaria insuportavelmente ainda mais metódico pelos anos pela frente. Não gostava antes e não gostaria pelo tempo que ficasse ali, que alguém interrompesse suas rotinas, quaisquer que fossem elas. Por essa razão, quando ouviu pela primeira vez as batidas na porta, pensou que fosse apenas sua imaginação. No entanto, ouviu-as de novo. Eram batidas reais. Ouviu-as mais uma vez, nem muito fortes, nem muito fracas. Começou a ficar irritado. Era o segundo dia naquela porcaria de lugar. O bispo diocesano, acompanhado de numerosa comitiva, passara toda a manhã do sábado, dia 10 de março, presidindo a solenidade de sua entronização como pároco. Tudo bem que depois não tenha ficado para o almoço oferecido por um endinheirado local, esnobando solenemente o vilarejo e toda aquela gente do lugar. Contudo, quase dez anos depois da ordenação sacerdotal, sem uma paróquia de referência, vivendo a dizer missas pelos arredores da diocese, estar ali na condição de chefe da paróquia representava o assentamento definitivo, com pompa e circunstância, em uma comunidade cuja igreja estava construída

há mais de vinte anos e ainda não tinha um padre. Precisamente, há exatos vinte e três anos, desde que fora desmembrada da paróquia de Antonio Nunes. Desse modo, Guambu-Guaçu fora finalmente transformada em sede. A principal característica do lugarejo era não conseguir segurar um vigário em caráter permanente. Bem verdade que os assentamentos e registros da diocese, décadas depois, contariam uma história bem diferente daquela que marcou a realidade do povoado. Mas o fato é que foi difícil importar o religioso que obedecesse a regra de ficar. Durante seis anos a igreja não tivera nenhum padre titular, o padre auxiliar, o padre visitante, o padre que fosse, não importando em que condição, que se sujeitasse e ficasse ali. Depois, transcorreram dezessete anos, tempo em que passou praticamente com um padre por ano. Os padres Danilo Fortunato e Celestino Silva foram os que permaneceram mais tempo. O primeiro, depois de onze meses, amigo de um bispo que fora trabalhar em Roma, convidado a acompanhá-lo, também deixou para trás aquilo que ele considerava a experiência real de um verdadeiro martírio na terra. Certa vez confidenciou a alguém da família que, muito pior que a ignorância, é a ignorância acompanhada da arrogância. Característica que ele percebia ser muito comum na maio-

ria das pessoas daquele lugar. O segundo, muito velho e doente, pedira substituição dez meses depois de chegar, para ir morrer em um asilo próximo à capital do estado. O terceiro, que chegara em um mês de julho muitíssimo frio, também doente, sofrendo de crônica constipação, rezou uma única missa no lugar, na qual fungou o tempo inteiro. Depois passou mais de vinte dias de cama, vindo a falecer da pneumonia que o acompanhara desde a chegada. E assim continuou. Chegava um padre, conversava com os mais próximos da paróquia, ficava um pouco e ia embora. Na média foram dezessete. Dezessete religiosos que, ficando por maior ou menor tempo, em algum momento davam lugar a quem vinha depois. A gota d'água, no entanto, acabou sendo o padre Max Lamborghini. Este seria o último dos dezessete que estiveram temporariamente por ali naquela época. Era alegre e brincalhão. Interagia com todos a qualquer hora e em qualquer lugar. Os jovens da cidadezinha, principalmente estes, adoravam a companhia do sacerdote. Ele era o mais jovem que até então tinha vindo dar com os costados naquela pequena cidade. Talvez por esta razão as moças demonstrassem tanto entusiasmo quando falavam do padre Max. Uma localidade pequena, marcada por diferenças econômicas acentuadas, de costumes extremamente conservadores, não terá sido o destino

mais adequado para um religioso com as características daquele padre. Jovem, bem falante, bonito, interessado em tudo ao redor, nada tinha em comum com o conceito de religioso desejado pela oligarquia local. Uma oligarquia arrogante, estúpida, extremamente ignorante, constituída na totalidade por pecuaristas. Gente para a qual sobrava o que havia de material e faltava de lustro em solidariedade e generosidade. Pois o que sobrava nessa gente era, justamente, dinheiro. Viviam como parasitas do sistema político e social vigente naquela época, dispondo de tudo ou de qualquer bem público, como das leis e tudo o mais que se destinasse ao estado ou à municipalidade em benefício próprio. O estancieiro mais endinheirado, talvez por isso mesmo o mais influente na política local, com grande penetração na política do estado, ostentava um título de coronel da antiga guarda nacional. Era o cabeça de dois ramos de uma família numerosa. Dessa maneira, coronel Maciel Bezerra casara-se e enviudara da primeira mulher rica. Na sequência, alguns anos depois do nascimento da quinta filha com ela, quando esta morreu de câncer no reto, mandara construir um hospital com o nome dela e casara-se outra vez com mulher ainda muito mais nova, muito mais bonita e também muito mais rica. Era um emérito analfabetão, pois mal sabia assinar o próprio nome. Con-

dição que em nada o desabonava ou pesava contra ele, face ao dinheiro que tinha e ao tanto que gastava. Frequentemente era avistado em companhia de outros endinheirados circulando pela capital do estado. Assim mesmo era o personagem que menos ingeria, diga-se assim, nos modos e costumes da localidade. Apesar de sede de duas de suas cinco imensas fazendas, passava grande parte do tempo em conchavos políticos na capital. Além dele, uma porção de outros chefes de famílias abastadas, no entanto, nem tão ricos, nem tão influentes como ele, mas igualmente brancos e poderosos, mandava e desmandava no lugarejo. Claro, nenhum deles estaria muito preocupado com as chamadas evoluções de sacristia, não fosse a eventual intervenção de alguma das esposas dos mandões locais. Pois foi exatamente a mulher de um desses outros fazendeiros que começaria a criar problema para o padre Max Lamborghini. Dona Vivi Knaupp, como diziam, era casada com o que era chamado na cidade de “disco voador”. Pois todo mundo sabia que ele existia. Contudo, como um disco voador, pouquíssima gente já o tinha visto circulando por lá em carne e osso. Seu Aurélio Knaupp era descendente de alemães. Mesmo que não falasse uma só palavra em alemão, usava esse idioma e em particular a origem que tinha para justificar os erros grosseiros de

português. Era neto ou bisneto de alguém que emigrara da Prússia para o Brasil ainda no tempo do Império. Não se encaixava exatamente no perfil dos imigrantes que chegaram do mesmo lugar do mundo no fim do Séc. XIX ou no começo do Séc. XX. Mas quando convinha, fazia o gênero. Como também fazia muito bem o gênero da gente do campo local. Tudo em sua vida era uma questão de conveniência e aparência. Um irmão mais atirado que ele, Saul Knaupp, segundo se contava, ganhara um cargo público federal no Itamaraty por nomeação direta do marechal Hermes da Fonseca. No entanto, Aurélio Knaupp não arredava pé do patrimônio deixado pelo genitor. Quando estava na cidade, vivia socado dentro de casa. A cada quinze dias, desaparecia no interior de uma imensa estância de engorda de bois. Residindo quase ao lado da igreja, sua mulher, dona Vivi, era quem mantinha as chaves do templo e da casa paroquial enquanto durava a vacância do titular da paróquia. Essa senhora, por sinal, sem abdicar da condição de mulher do fazendeiro, em cujos negócios não se intrometia, deixava bem claro para todo mundo que era ela quem mandava e desmandava nas coisas da igreja. Ao que parece, segundo qualquer um podia entender, ela mandava e desmandava com um padre ou sem um padre presente na paróquia. Era como se fosse ela mesma a repre-

sentante de deus na terra. Até se comentava na cidadezinha que os religiosos não ficavam por lá por sua causa. Tinha um gênio terrível. Padre Max, ao chegar, tradou-a com fidalguia e muito respeito. Parecia até que alguém lhe tinha prevenido sobre ela. Em um sábado à tardinha, no dia 18 de agosto de 1944, quando ele desembarcou de uma jardineira, vindo de Santana da Conceição, espécie de capital regional do estado onde ficava a sede da diocese. Entregou-lhe um cartão com apresentação manuscrita lacônica assinada pelo bispo, dom Sinfrônio Weiss. Ela própria levou-lhe o jantar em um prato fundo, coberto com outro prato fundo. A primeira coisa que fez depois de cumprimentar o padre foi lembrar o horário das missas no local, que nos domingos costumava ter uma às sete, outra às dez horas. Com muito jeito, ele argumentou que seria seu primeiro dia na cidade, queria dormir um pouco, pois de véspera fora visitar os pais dele na colônia e, perdendo o transporte de retorno, enfrentara a pé quase quinze quilômetros até Santana da Conceição. Estando, por esta razão, muito cansado. Melhor seria uma única missa às dez e meia. Já demonstrando contrariedade, mas sem outro argumento melhor, concordou. Na manhã seguinte, por volta de nove horas, foi busca-lo na casa paroquial. Mas ele já estava na calçada em frente da igreja conversando

com um grupo de jovens. Ela passou por ele demonstrando contrariedade. Talvez quisesse ter a primazia de apresentá-lo aos moradores da cidade, expondo a influência que sempre queria ostentar. Depois, enquanto ele se paramentava para a missa, ela adentrou à sacristia, sugerindo que no sermão ele proferisse uma palavra de condenação a um grupo de cidadãos que tinha acabado de abrir um centro espírita kardecista no lugar. Ele a advertiu, novamente com muita elegância, que não seria apropriado ele chegar à cidade já comprando briga com pessoas que ele ainda nem conhecera. Que seria melhor guardar essas energias para, quem sabe, em melhor momento tentar demovê-las dessa prática religiosa, atraindo-as para o seio da igreja. A mulher fez um muxoxo e saiu dali carregando a terceira contrariedade desde a chegada daquele padre. Até o final da missa, em que a maioria dos presentes até achou o religioso muito simpático, dona Vivi Knaupp ficaria mais uma vez contrariada. O sacerdote fez um sermão em torno do amor. Começou falando do amor de Cristo. Ressaltou que a caridade cristã era a mais pura demonstração de amor. Falou que o amor impõe a autolibertação da arrogância, da intolerância, do preconceito e do egoísmo. Todos ouviam com a maior atenção, quando dona Vivi teve um acesso de tosse. Em quatro momentos do sermão

o padre teve que interromper o que dizia por causa da barulheira que ela fazia. Até parecia que aquilo era uma tosse forçada. Mas o oficiante não se deu por vencido. Continuou a falar. Por fim, relacionou o amor de Deus a outros afetos, como entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre vizinhos, entre amigos, entre colegas de trabalho. Ao término da missa, quase meio-dia, dirigiu-se ainda paramentado à porta do templo, onde cumprimentou um a um todos os presentes. Menos dona Vivi Knaupp, que se escafedera pela porta da sacristia, nos fundos da igreja. Meia hora depois, enviou o almoço do novo vigário por uma das empregadas. Motivo da quinta e última contrariedade provocada pelo primeiro dia do novo padre na cidade. Desconfia-se que até mesmo o apelido que começaram a imputar ao religioso tenha tido origem nessa natural antipatia, desenvolvida desde a chegada do homem. Quando ele começou a visitar os paroquianos, a partir da manhã do dia seguinte, também começou a perceber que era alvo de algum tipo de chacota. Padre Max Lamborghini era o filho mais novo de uma família de descendentes de imigrantes italianos, que cultivavam a terra nas proximidades de Santana da Conceição. Era homem moço, culto, de maneiras elegantes e muito sociável. Tinha a pele muito clara, cabelos ruivos, olhos azuis, sardas no

rosto e um nariz ligeiramente adunco. Não demorou a perceber que se referiam a ele como “o judeu”. Mas isto foi só o começo. Quando a população instigada contra o padre começou a chama-lo assim, sem que ele se importasse, passaram a hostilizá-lo ainda mais. Ele foi muito claro em uma missa durante a semana, em que praticamente mandou um recado aos detratores, dizendo que se sentia muito honrado com a designação, pois Jesus também era judeu. Em outra oportunidade falou que, naquele preciso instante, milhares de judeus estavam sendo vitimizados pelo opressor regime nazista, contra o qual o próprio país estava se batendo na Europa. Mas o povo da cidade, além de preconceito, revelava total falta de inteligência, pois via na designação uma fantasiosa relação negativa. O resultado das manifestações do religioso foi acirrar ainda mais os ânimos dos que manifestavam sua total contrariedade e antipatia por ele. Até que numa tarde, enquanto a empregada de dona Vivi Knaupp fazia faxina na casa paroquial e padre Max entretinha-se em responder a algumas cartas, a patroa aparece em pessoa no escritório onde estava o sacerdote e, com a cara mais deslavada do mundo, vem indagar por que ele não comia os bifés, os croquetes, as almôndegas e as outras iguarias feitas de carne. Pois tinha notado que retornavam sem que ele as

tocasse. Ele então responde que era vegetariano. Aquilo soou como uma bomba em um território onde todo mundo já nascia comendo carne. Ela tentou dissuadi-lo do costume, mas como a maioria da população do lugar era desprovida de inteligência em um nível que assegurasse o mínimo entendimento daquele assunto, ele explicou que, filho de família de agricultores muito pobres, sem ter muitas vezes o que comer além das abóboras, batatas doces e grãos colhidos pelo progenitor, durante muito tempo na infância bastara-se com isto, além da polenta de farinha de milho feita pela nona. Raras vezes, quando havia, também comia queijo. O que, por outro lado, ajudou-o a encontrar naturalmente o caminho de uma alimentação mais saudável, principalmente quando, já no seminário, dispunha de uma variedade muito grande de outros alimentos além das carnes de bovinos, suínos e ovinos. Também não comia peixe ou carnes de aves. Ela não entendeu muito bem tudo aquilo e foi embora, retomando a natural cara fechada e reassumindo a atitude de total antipatia para com ele. Não demorou para que essa situação também contribuísse para tornar a vida do padre ainda mais complicada naquele lugar. Pois, não se sabe como, todo mundo começou a comentar aquele hábito como uma terrível prática pecaminosa do religioso. Em uma reunião

de jovens, sentindo-se na obrigação de dar alguma explicação sobre um hábito pessoal que já se tornara assunto de domínio público, falou sobre as vantagens de uma alimentação sem carne vermelha. Ocorre que entre os moços presentes à reunião, encontrava-se Maria Isabel, a filha do açougueiro Malaquias. Esse profissional era o fornecedor de carnes de dona Vivi Knaupp. Depois do comentário da filha sobre a opinião do padre, o açougueiro achou tudo muito estranho. Afinal, há muito tempo ele entregava diariamente na casa daquela mulher uma boa quantidade de carnes nobres destinadas às refeições do religioso. Pelo menos era isto que constava das instruções que recebera dela. O mais estranho de tudo era o fato de dona Vivi Knaupp ter recomendado expressamente que entregasse as carnes diretamente para ela em sua residência, quase ao lado da igreja. Disse também que não deveria entregar as carnes ao padre porque era ela quem fornecia o almoço dele. E assim ele vinha procedendo. Procedimento que já durava há pelo menos dois religiosos que passaram pela cidadezinha. O açougueiro deu-se conta, então, de que entregara as carnes para o padre local, mesmo quando não havia padre nenhum por ali. Começou a achar tudo muito estranho. A cidade, como a região em que ela se localizava, vivia integralmente do comércio de

carne. A grande charqueada, de acordo com um projeto em curso no início dos anos de 1940, seria aos poucos substituída por um frigorífico, que os mandões do lugar esperavam fosse construído pelo governo do estado. Apenas construído, pois os exploradores do negócio continuariam sendo os mesmos. Incluía-se entre eles o coronel Maciel Bezerra, que tivera a grande e genial ideia, fazendo com que o governo estadual construísse e os fazendeiros assumissem o frigorífico em projeto. Além dele, o próprio marido de dona Vivi, seu Aurélio Knaupp, era um dos que estavam à frente da obra, a ser posteriormente liderada por um jovem agrônomo, filho de família tradicional do lugar, Benigno Gentil de Areias. O açougueiro, por seu lado, homem simples e rude, por mais que se esforçasse, não conseguia entender como não havia uma conta específica de carne para a família desse senhor. Pela primeira vez, começou a perceber que havia algo de muito errado por ali. Era, no mínimo, suspeito, que um fazendeiro tão abastado como seu Aurélio Knaupp fosse o destinatário de um fornecimento tão grande de carne destinado ao padre da cidade, existisse ele ou não, enquanto a família do fazendeiro, em si, não comprava carne. Seu Malaquias sabia apenas que deveria entregar a carne para dona Vivi Knaupp, que lhe pagava uma boa quantia todo mês. Ele

próprio recebera instruções por escrito, à mão e de próprio punho em papel timbrado da diocese. Por essa razão, decidiu indagar diretamente de dona Vivi. Perguntou e ela não gostou da pergunta. Respondeu secamente que ele não tinha que saber coisa nenhuma. Que ele tinha apenas que entregar as carnes e pronto. Afinal ela estava pagando, não estava? O homem foi embora coçando a cabeça. A partir desse dia, não apenas ele, mas a filha Maria Isabel, que trouxera a informação sobre o padre ser vegetariano, também começou a sofrer uma espécie de retaliação por parte daquela mulher. A filha do açougueiro era uma moça alta, simpática, de cabelos longos e olhos castanhos, que perdera um casamento praticamente certo porque o noivo, filho de fazendeiro local, aparentemente arrependido do compromisso, fora residir na capital do estado e nunca mais dera as caras por lá. Por sinal, sobrinho de dona Vivi Knaupp. Maria Isabel era professora no grupo escolar local. Frequentava assiduamente as reuniões de jovens. Era sempre encontrada em bailes, principalmente nos de carnaval, como em outras comemorações. Sempre dançava com todos os homens que a tirassem para isso. Foi assim que, imediatamente após a interpelação de seu pai a dona Vivi sobre a questão do consumo de carne, Maria Isabel começaria a ser alcunhada de “Maria Sovada”.

Lugar de gente sem um pingo de compaixão pelo semelhante, de gente grosseira e vulgar, uma multidão de ignorantes, um coletivo que insistia em ser assim e continuar como tinha sido desde os antepassados. Deve-se dar o necessário desconto, claro, pela região do mundo em que viviam, entocados naqueles tempos de segunda guerra mundial, sem privar dos contatos com um mundo mais arejado e desenvolvido que ainda demoraria a chegar ao lugar. Então, pobre daquele ou daquela que, por algum motivo, recebesse a marca do alvo da execração pública. Pois foi como aconteceu com aquela moça, a Maria Isabel, filha do açougueiro Malaquias. Em tempos em que o mundo se dividia em dois, entre a maioria dos que estavam a favor e os poucos que timidamente ficavam contra, quando menos se esperava, ninguém mais a estava tratando com respeito. Passaria a ser identificada apenas como “Maria Sovada”. E pronto. Tudo muito convenientemente determinado por dona Vivi Knaupp, tia do antigo noivo dela que, muito antes desses acontecimentos, mudando de ideia e sem dar satisfação nenhuma, além de não se preocupar minimamente com o que poderia acontecer com a moça, a poucos dias do casamento escafedeu-se do lugar e foi viver na capital, bem longe dali. Bem que ela tentou ignorar a alcunha, fingindo superioridade a tudo aquilo. Mas

era visível o constrangimento dela e da família com a referência jocosa e o modo nada respeitoso com que passou a ser identificada no lugarejo. Logo ela, uma professora das primeiras letras. Situação que fazia emergir um tanto de hipocrisia daquela comunidade, em que mesmo desprezada e desrespeitada pela maioria, assim mesmo continuava a dedicar-se com aplicação ao trabalho de educar as crianças de tantos pais que a magoavam. Assim, com a chegada de padre Max Lamborghini, homem que se destacava pela generosidade e tolerância, foi natural que ela não apenas simpatizasse com ele, mas que passasse a admirá-lo e a não faltar a nenhuma das reuniões organizadas por ele com os jovens da cidade. Dona Vivi Knaupp sentia-se profundamente ofendida com toda essa dedicação do religioso. Bem verdade que ela também era mãe de dois filhos adolescentes, aos quais não permitia qualquer contato com o vigário. Um deles, por sinal, já fazendo os cursos preparatórios fora da cidade. Embora contrariada com a popularidade dele, suportava o seu trânsito pela cidade no limite do que podia aguentar. No entanto, o fato desencadeado pela interpelação do açougueiro, sobre o destino do fornecimento de carne para alimentação do padre vegetariano, foi a gota d'água. Tudo porque ela descobriu, quando menos esperava, ter sido

flagrada numa prática altamente suspeita. E, muito pior que isso, também começou a perceber que não demoraria muito toda cidade faria a mesma pergunta acerca de quem, ou o que, estaria pagando por toda aquela carne que ninguém comia. Ou quem, de fato, vinha consumindo tanta proteína de tão boa qualidade. Aliás, havia gente na cidade que já sabia da combinação que a Diocese mantinha com ela para alimentar o vigário local. Nesses anos todos, com ou sem vigário, ela usava o dinheiro que o bispo reservara para isso e ninguém jamais conferira com clareza, nem ela prestara contas dessas despesas. Entendeu de pronto que alguma providência ela devia tomar, necessitando antecipar uma ação urgente e eficaz que evitasse qualquer suspeita sobre ela. Acontece que na cidade havia um senhor, de nome Canarinho, proprietário de pequena tipografia, que a cada duas ou três semanas, sempre que conseguia arrecadar algum patrocínio, publicava um jornalzinho com notícias locais. Era mais uma extensa crônica social do que propriamente um jornal de notícias. Pois bem, ela mandou chama-lo. Começou dizendo que pouca vergonha chama pouca vergonha, que a cidade não poderia suportar desvio de conduta, principalmente quando quem devia dar o exemplo era quem estava profanando, não apenas os sagrados costumes e a educação das famílias da cidade,

mas os próprios ensinamentos da igreja. A esta altura seu Canarinho, que nunca conseguira arrancar nenhum trocado de dona Vivi Knaupp, a título de apoio cultural ao jornal, já se indagava se finalmente seu dia chegara. Mas ela primeiro contou toda a estória nos mínimos detalhes. Desde que ela descobrira que padre Max Lamborghini era vegetariano, deixou de levar pessoalmente os almoços e jantares preparados para ele, encargo que passara a ser atribuído a uma das ajudantes da cozinha de sua casa. Não fazia muito, uma menina muito jovem, de nome Simplificiana, que perdera a mãe ainda muito criança e passara aos cuidados de uma tia que era empregada na fazenda de seu Aurélio Knaupp, fora trazida para a cidade, a pretexto de estudar. Mas nunca passara nem perto da porta de nenhuma escola. Foi imediatamente socada na cozinha da mulher e assim permaneceu enquanto crescia. Aprendeu apenas a descascar batatas, escolher feijão, carregar lenha para o fogão e lavar pratos e panelas. Assim, desde que dona Vivi Knaupp deixou de levar pessoalmente as refeições ao religioso, foi a menina Simplificiana que passou a se encarregar dessa atividade. Nessa condição terá sido ela que, segundo consta, teria presenciado a cena, que agora estaria sendo relatada por dona Vivi Knaupp a seu Canarinho. Consta que chegando a menina com o prato

do jantar do religioso na casa paroquial, ao entrar por uma porta que dava diretamente na cozinha, uma vez dentro do imóvel, começou a ouvir uns risos abafados vindos de alguma parte mais para o interior da casa onde residia o padre. Prestando melhor atenção aos ruídos, percebeu que os risos não eram apenas risos, mas também gemidos, dando a impressão de ser predominantemente produzidos por uma voz feminina. Atraída, então, pelo inusitado dessa ocorrência naquele lugar, andou lentamente pelo estreito corredor entre a cozinha e a sala da pequena casa em que vivia o padre, no qual havia uma porta à direita para o banheiro e outra à esquerda para o quarto. Havia uma luz acesa na sala e alguma iluminação também no quarto, cuja porta estava semiaberta. Ao parar em frente a essa porta, verificou que na cama, vestindo apenas a roupa de baixo, o padre fazia carícias em Maria Isabel, a filha do açougueiro Malaquias, também aparentando estar com pouquíssima, ou quase nenhuma roupa. Ao perceberem a presença da menina, o padre e a parceira dos folguedos ora relatados pararam imediatamente de fazer o que estavam fazendo, enquanto esta corria em desabrida de volta à cozinha de onde viera. Chegando célere à casa de dona Vivi Knaupp, ainda ofegante contou para esta, sôfrega e quase sem ar, o fato recém-assistido no interior

da casa paroquial. Fato narrado sem que esquecesse nenhum dos pormenores avistados antes de ser descoberta pelos personagens da cena. Muito provavelmente, talvez acrescentando outros detalhes que a fantasia de menina pobre imaginava também ser possível de ver. No instante em que escutou a descrição do fato que ela considerava escabroso, extremamente excessivo, ato de inominável calamidade moral, que punha em risco a segurança daquela vidinha regularmente vigiada por padrões dos quais ela própria era o agente mais qualificado, percebeu que estava diante da solução que tanto procurara nos últimos meses. Solução esta que poria um fim definitivo à estadia na cidade daquele padre vegetariano desqualificado. Seu Canarinho foi o primeiro a ouvir toda história, com uma riqueza de detalhes que, naqueles distantes anos de 1944 mais parecia uma nova versão do Decameron, o livro maldito de Boccaccio, até então uma das leituras mais licenciosas e, por isto mesmo, proscrita das bibliografias de acesso cultural da juventude da época. Sentiu estranho prazer em ouvir toda a narrativa da menina Simpliciana. Nem por um momento lhe ocorreu que era uma menor de idade e, por esta razão, carecia de uma simples e severa observação que minimizasse tudo o que vira. Ao contrário, não apenas lhe deu imediata, total e inquestionável

credibilidade, como estimulou frenética propagação da história. Já começara a contar para todo mundo, de uma forma muito exaltada, sentindo um prazer inexplicável com o exacerbamento do caso. Ao mandar chamar o seu Canarinho, por exemplo, ela estava à beira de um orgasmo. Quase assim como à época em que lera um exemplar do romance “Chipette et lui”, de autoria de alguém que se assinava como Dyvonne. Obra, aliás, que lhe fora trazida pelo cunhado intelectual, diplomata viajado, sempre a serviço dos interesses brasileiros pelo mundo. Era obra que fugia completamente aos padrões que, naqueles tempos, regiam os limites de literatura tolerada. Publicado em 1932 sob pseudônimo por autora francesa que tinha o nome de Yvonne Schultz de Féris de Lacombe, era obra escondida em gavetas de armários de roupa e quase nunca referida publicamente. Uma das características da escritora francesa era a coragem de descrever, de modo quase real, muitas cenas que, por vezes, eram consideradas picantes demais, principalmente se mencionadas em lugares como aquela cidadezinha. Pois a cena descrita pela menina Simpliciana, na ingenuidade de quem não poderia supor exatamente o que estava acontecendo, fora em excesso adornada de detalhes muito mais fantasiosos do que reais pela própria dona Vivi Knaupp. Detalhes quase literários,

agora transmitidos ao seu Canarinho. Depois de ouvir todo o enredo do que supostamente teria acontecido na alcova do religioso, sem perder a fleuma e entendendo que devia ser rápido no aproveitamento das circunstâncias, começou dizendo que o assunto era objeto para uma edição inteira do jornalzinho local. No entanto, pego assim desprevenido, sem tempo para recolher toda a publicidade que cobrisse os custos de uma edição extraordinária e urgente, estava de pés e mãos atados. Pois, sem condições de dizer quando esses valores estariam enfim arrecadados, não tinha como dizer quando poderia enfim rodar o jornal em sua tipografia. Dona Vivi Knaupp não queria perder tempo. O assunto era por demais urgente. Assim, para que toda aquela história resultasse no efeito desejado, ou seja, no confronto entre o padre Max Lamborghini e a opinião pública que, certamente, o execraria de imediato, era necessário não perder qualquer tempo. Indagando, então, quanto custaria uma edição inteira daquele panfleto, no ato ficou sabendo em detalhes de todos os valores. Fato que a deixou um pouco perturbada, por entender que se tratava de grande quantia. Desse modo, depois de regatear um pouco, verificando não haver a menor chance de encolher o valor inicial, decidiu ali mesmo pagar ao jornalista, sendo a quantia em espécie retirada do fundo de uma

gaveta, em cômodo no interior da casa e longe das vistas de qualquer outra pessoa. Retornando ela com o dinheiro, acentuou que ele devia ser específico e objetivo, não envolvendo o seu nome ou de qualquer pessoa ligada a ela. Seu Canarinho enfiou a dinheirama no bolso e partiu satisfeito com o resultado do acontecimento que estava salvando sua atividade naquele lugarejo. Como era um sábado, partiu dali direto para a tipografia. Tomou de uma folha de papel e começou a rabiscar o que deveria ser composto no magazine da velha impressora Koenig & Bauer. Escreveu, escreveu, riscou tudo, escreveu outra vez e, finalmente se decidiu por uma única folha impressa de um lado só, sem nem ao menos ostentar o nome do periódico. Afinal, sem citar fontes e tendo em mãos uma narrativa que, sem qualquer prova documental ou nome de referência, era muito mais um material difamatório do que outra coisa, ele necessitava ser criativo. Foi o que fez e o que aconteceu. Escreveu três quadrinhas apócrifas que, em última instância, diziam tudo que era para ser dito naquela encomenda: **“Na noite de sexta-feira / Fato grave aconteceu / Acharam Maria Sovada / Na cama com o judeu. / Na sacristia sagrada / Em frente à Virgem Maria / O padre e a mulher sovada / Pecavam e ninguém mais via. / Cansado de dizer missa / Sem se**

**dar conta do mal / O padre vegetariano / Provava do amor carnal”**. As três estrofes, impressas em apenas um lado de meia folha de papel jornal, destilavam em letras graúdas todo ódio encomendado por dona Vivi Knaupp a seu Canarinho contra o padre Max Lamborghini. Bem verdade que respingou, sobretudo, em Maria Isabel, a filha do açougueiro Malaquias. E deveria ter acertado alguma coisa no próprio açougueiro, pai da moça. Deveria, mas este nem se abalou com toda aquela história. Aliás, nem se preocupou em discutir com alguém, ou explicar a algum circunstante que na data da história em questão ele se preparava para abater uns porcos na madrugada do dia seguinte. Como estivesse sem o principal ajudante, que estava cuidando de uma fratura no braço em virtude de um coice de mula há poucos dias, recorreu à própria filha que, tão logo chegara do grupo escolar onde lecionava naquela sexta-feira, partiu com ele para uma propriedade utilizada para essas finalidades nas cercanias da charqueada. De sorte que era impossível que Maria Isabel estivesse em companhia, ou tenha estado em companhia do padre, como de qualquer outra pessoa, em qualquer hora daquele dia. A moça, então, achou tudo muito engraçado, pois entendeu de cara que o jornalzinho apócrifo se referia a ela. Contudo, era fato que não a alcançava. Mas todo o resto da

cidadezinha, o lugarejo inteiro, em todas as classes sociais, entre pessoas mais religiosas ou menos religiosas, envolvendo gente simpática ao sacerdote, ou não, todo mundo ficou absolutamente chocado com o que começou a ser lido na madrugada daquele domingo. Seu Canarinho cuidou para que um verdadeiro pelotão de ajudantes saísse às ruas entre três e quatro horas da manhã para colocar aquela difamação por baixo das portas das casas. Diligência bem cumprida, aliás, que ninguém teria visto aquele gesto de ignomínia, não fora um bêbado notório que chegava da farra e, avistando o arauto da injúria, quis com este trocar ideias sobre as razões de estar àquela hora distribuindo o que para ele seria apenas um jornal. Ou o que aconteceu de tão importante nessa porcaria de buraco que seja assim tão necessário divulgar de madrugada. A barulheira fora tanta, que acabou acordando mais gente na vizinhança. Aliás, um desses vizinhos, dono de pequeno comércio local, ao passar de véspera na tipografia para encomendar um talonário de notas para seu negócio, tinha presenciado o próprio Canarinho declamando toda aquela bobajada, enquanto fazia revisão das provas do panfleto. Ocasão em que escutou as estrofes repletas de ofensas, que agora lia no impresso jogado sob o umbral da porta. E, claro, assim que um dos comparsas do seu Canarinho

enfiou o exemplar do impresso por baixo da porta de entrada da casa paroquial, já quase cinco da manhã, o padre, que acordava cedo também aos domingos por causa de uma missa às sete horas, descobriu a folha dobrada que ali se encontrava. Desdobrou-a e leu o que continha. Nunca se soube exatamente qual terá sido sua reação. O certo é que não ficou ali nem mais um instante para dar qualquer explicação. Sequer teve energia e disposição para valer-se do próprio púlpito na dita primeira missa, como também naquela que devia celebrar às dez horas, para dirimir qualquer mal-entendido. Sem vestir batina, pegou a bicicleta e tomou o caminho da cidade vizinha, sendo apenas avistado na estrada, de longe, por um ou outro que, sem conhecê-lo muito bem e ainda não ter tido acesso às narrativas do episódio comprometedor, não teve exatamente a convicção de quem seria aquele viajor. Em poucas horas alcançou a cidade de Antonio Nunes, vizinha daquela de onde saíra e de onde embarcou como carona em um caminhão que vinha de Planta Baixa e seguia no rumo de Santana da Conceição, onde ficava a sede da diocese. Ao chegar, apresentou-se imediatamente ao bispo. Enquanto isso acontecia, o povo do lugarejo ficava outra vez sem missa. Alguns chegaram a dirigir-se à igreja naquele domingo de intriga anônima e baixaria. Dona Vivi

Knaupp, à porta da igreja, tentara com duas ou três pessoas alongar o assunto, que de tão grave constrangia quem quer que fosse. Não demorou um dos dois médicos do lugar, muito católico, vizinho de meia cerca de um lado com a igreja, de outro com ela própria, jogar água gelada em toda aquela excitação. Disse que achava estranho o caso, pois chegando de atendimento na zona rural pelo caminho da charqueada velha, dera carona a Maria Isabel, que estivera até boa parte da tarde ajudando o genitor na separação de utensílios para uma carneada na manhã seguinte. Mais curioso, segundo o médico, foi o carro ter quebrado logo na saída do local em que ela embarcou. Além dela mesma e do açougueiro Malaquias, um outro conterrâneo que passava pelo local, ficaram todos ocupados no conserto do automóvel até quase nove da noite, quando enfim tomaram o rumo de Guambu-Guaçu. Desse modo, ele achava improvável, como impossível, ter sido Maria Isabel uma das personagens constantes do texto difamatório. Dona Vivi Knaupp não gostou do que ouviu, ficando extremamente alarmada e preocupada com o que poderia advir desse equívoco. já que ninguém sabia ser ela a autora da história, nem a patrocinadora da publicação, muito menos de que para isso se baseara no relato de uma menor de idade, a menina Simpliciana. Correu imediatamente

para casa. Foi tomar providências de modo que a menina não repetisse aquela história para mais ninguém. Embarcou a menina na madrugada de segunda para a fazenda, fazendo com que sumisse definitivamente dali por vários meses. Dona Vivi, entretanto, dava-se por satisfeita com a deserção do padre. Pois para ela aquela solução era mais do que suficiente. Maira Isabel, por seu lado, em um primeiro momento sentiu-se um tanto constrangida com tudo aquilo. Ela sabia que a difamação era obra de dona Vivi Knaupp. Como também sabia a origem dessa constante perseguição. O sobrinho, há muito evadido nas antevésperas do casamento, era sempre uma espécie de motivo ao contrário para a raiva que aquela mulher sentia dela. Motivo ao contrário, porque quem devia ter bronca, sentir raiva, estar furiosa, indignada, mesmo depois de quase quatro anos, era ela. Mais ninguém. Afinal, quem fora abandonada era ela, Maria Isabel. Não a tia do sobrinho que se escafecera sem nem mesmo deixar o endereço. O resultado de tudo aquilo foi ela ter ficado malfalada na cidade. Principalmente em uma época em que isso era fatal. Porque moça que teve namorado firme, que ficara anos e anos namorando, tendo ficado noiva e, depois de tanto tempo, com casamento marcado e tudo, ser assim abandonada, sem qualquer explicação, era sempre a moça

quem levava a culpa. Era como se dizia no lugarejo, que “boa coisa não podia ser”. Ou, então, que “o motivo devia ter sido muito grave para o rapaz não querer mais casar”. Principalmente, se o pretense noivo tinha uma tia com uma língua igual aquela. Maria Isabel nunca dera muita importância ao fato. Depois da superação e do modo como fora abandonada a duas semanas do casamento, decidiu conduzir a própria vida do modo que entendeu mais apropriado. Lembrou-se da trabalhadeira e preocupação de seu pai às vésperas do casamento em que foi rejeitada. Justo quando Guambu-Guaçu estava sem um padre residente e seu pai teve que ir até a sede da diocese em Santana da Conceição, onde falou pessoalmente com dom Sinfrônio Weiss. Pela primeira vez alguém da cidade escutaria do próprio bispo que o lugarejo fazia por merecer ter vigário nenhum. Pois todos os religiosos que ele designara para o lugar tinham, de um modo ou de outro, sido enxotados pela mesma pessoa. Seu Malaquias, que tinha se convertido no fornecedor de carnes para o padre eventual, a pedido do mesmo prelado há algum tempo, pela primeira vez ouvia dele mesmo que ele suportava aquela mulher. Dom Sinfrônio, na época, transmitiu a seu Malaquias que apesar de pessoa afortunada, cheia de bens e propriedades, Dona Vivi Knaupp na verdade era uma pessoa deplorável, para a qual

ele tinha se arrependido de solicitar que tomasse conta das coisas da igreja enquanto Guambu-Guaçu continuava sem um pároco. Maria Isabel, então, depois desse episódio difamatório, tentaria uma vez mais a superação. Superação, sim, mas sem nenhuma reparação. Pois ela sabia que dificilmente pessoas como ela, ou famílias como a dela, conseguiriam obter qualquer benefício da lei, ou dos tribunais em circunstâncias semelhantes. Então que fosse assim. No entanto, houve o fato novo trazido pelo médico que estivera com ela, o pai dela e mais um vizinho da chácara onde se organizava a carneada de suínos para o dia seguinte. Para contrariar ainda mais aquela versão difamatória, fora esse mesmo médico que a trouxera de automóvel para a cidade. Aonde, por sinal, chegaram em horário que ultrapassava em muito o tempo possível para ela estar presente na ocorrência relatada. Dona Vivi Knaupp entendeu tudo muito bem e, pela primeira vez, temeu por um epílogo que acabasse comprometendo sua aparente honorabilidade. Doutor José Mattos Sobrinho era e sempre fora um grande conversador. Nem se podia dizer que falava as coisas por mal, ou que fosse um fofoqueiro ou que simplesmente falasse o que falava por maldade. Ele apenas gostava de falar. Sempre fora assim, um conversador incorrigível. Mas era, principalmente, muito simpá-

tico. Todos gostavam dele e apreciavam a sua companhia. Nascera no lugar, perdera o pai ainda menino e acabara de ser criado pela mãe, uma tia e uma senhora que veio morar com eles. Senhora esta, cuja mãe ajudara antes a sua avó na criação do pai dele, vivendo durante muitos anos na fazenda da família até morrer. A velha avó, mãe do pai, fora a primeira a desaparecer. A seguir, o pai também morrera de tuberculose. Talvez a longa enfermidade do progenitor o tenha inspirado na escolha do curso de medicina quando chegara o momento de ingressar em um curso superior. Mas a natureza medíocre e o embasamento intelectual desenvolvido apenas para o necessário no exercício profissional em uma cidadezinha de interior como clínico, nem um pouco próximo de qualquer assunto ou enfermidade mais grave, fez com que doutor José Mattos Sobrinho, desde a formatura, apenas incorporasse o personagem do médico superficial. Assim vivia. Visitava em casa alguns constipados e atendia em consultório alguns gripados. Às vezes se ocupava dos queixosos de outras dores, tosses e mal-estares. Enfim, fora das lides clínicas gastava o resto do tempo de homem solteiro maduro, preocupado sobretudo com os cuidados de uma mãe idosa e dos rendimentos provenientes da renda das três grandes fazendas deixadas pelo pai. Pois terá sido este

médico, com sua bem apropriada e legítima versão dos fatos, que pôs fim à história daquele caso envolvendo padre Max Lamborghini e Maria Sovada. Como terá sido por sua causa, igualmente, que dona Vivi Knaupp parou imediatamente de meter-se nas coisas da paróquia, com padre ou sem ele. Alguns dias depois, tendo estado em visita a um padre idoso da diocese, que era muito amigo seu, foi com este até o gabinete do bispo, que lá pelas tantas entendeu indagar sobre que história era aquela de um padre que fugira da cidade por ter sido apanhado em companhia de uma mulher, quase nu, em alcova na própria casa paroquial. Ao que o médico teria respondido que, pelo menos no que dizia respeito à mulher que disseram ser a companhia de tal fato em questão, era impossível ser ela. Enumerando, a seguir, as razões pelas quais se podia comprovar não ser mesmo ela. Seguiu-se, depois da explanação de doutor José Mattos Sobrinho, longo silêncio. Momento no qual o bispo abriu uma gaveta da escrivaninha à frente da qual continuava sentado, retirando dela um charuto. Desenrolou-o, acendeu-o e, pausadamente, concluiu como que falando para si próprio que, então, tudo o mais poderia ser uma grossa mentira daquela megera contra o padre Max Lamborghini. Nunca ninguém soube ao certo que conseqüências o fato terá tido nas vidas das

peessoas envolvidas. Seu Canarinho, pretextando um trabalho em outro estado, vendeu a tipografia e desapareceu do lugar. Voltaria anos mais tarde, após a construção do frigorífico. Porém já sem a mesma influência, como sem o mesmo entusiasmo com que se lançava aos projetos que auferiam dinheiro fácil, farto e contínuo. Padre Max Lamborghini, que ninguém mais terá avistado na região, nem dele ninguém mais terá tido qualquer notícia, muitos anos à frente, após a morte do papa Pio XII, seria filmado e fotografado abundantemente pela imprensa internacional, envergando solenes vestes episcopais, ocupado no auxílio às exéquias daquele pontífice, em plena basílica de São Pedro. Maria Isabel residiria ainda por anos na cidade, sem se preocupar o mínimo com o diz-que-me-diz alcoviteiro. Ensinou na principal escola do lugar até a morte do pai, ocorrida mais ou menos um ano após o fim da segunda guerra. Tendo se desfeito do espólio, mudou-se para a capital do estado onde, segundo consta, passara a viver com um oficial de alta patente da reserva do exército, que retornou da guerra sem uma perna. Quanto a Dona Vivi Knaupp, desde o episódio nunca suficientemente esclarecido passou a cuidar exclusivamente dos dois filhos que, em alguns anos, foram para a faculdade. Um deles, por sinal, formado em medicina,

também veio clinicar na cidade, onde conheceu e casou com uma moça que antes e depois do casamento seria quase tão comentada em seu tempo quanto Maria Sovada fora no seu. Perdeu completamente a influência junto ao bispo e não houve quem demovesse o prelado da opinião que formara sobre ela. Primeiro, fez interromper os repasses de dinheiro com que a diocese mantinha a conservação da igreja e, eventualmente, a alimentação do religioso ali estacionado. Depois, proibiu que os padres de sua jurisdição atendessem pedidos para oficiarem missas e solenidades comemorativas no lugar. Por último, decidiu por um fim no que restava de influência dessa antiga “zeladora paroquial”. Procurou a dedo o que ele chamava de “vigário ideal para um povo doentamente desnorteado”. Desse modo, profundo conhecedor, muito mais do caráter do que da alma humana, lançou-se pessoalmente numa empreitada complexa e quase absurda à procura de um padre. Um padre que, em especial, servisse para o lugar nas condições que ele próprio entendia como suficientemente apropriadas. Um religioso que fosse imune a qualquer tipo de assédio, pressão, influência, simpatia ou antipatia. Dom Sinfrônio Weiss era homem determinado. Queria alguém que se sujeitasse a passar o resto da existência em um lugarejo sem qualquer importância política, sem perspecti-

va de desenvolvimento pessoal e a partir daí, principalmente, sem a menor chance de desenvolvimento de uma carreira eclesiástica nada notável ou brilhante. Dom Sinfrônio sabia onde estava e com quem estava lidando. Afinal, vivera toda a vida em um quadrilátero da serra onde se situavam incontáveis núcleos de famílias católicas, constituídas de descendentes de imigrantes alemães, como a dele, ou de italianos e poloneses, em cujas famílias sempre havia a presença de um, dois, três ou mais padres. Queria um padre ordenado a menos de dez anos. Mas também que não fosse muito jovem. Um padre que fosse mais um soldado do que um cabo ou um sargento. Desejava enviar para Guambu-Guaçu um religioso que soubesse seguir ordens, cumpri-las e seguisse suas ordens e recomendações à risca. Dom Sinfrônio Weiss, que o povo do lugar insistia em pronunciar “Sinfrônio Vêis”, neto de alemães que chegaram à região ainda no tempo do império, tinha nascido em Santa Planta, em 1885. Aos vinte e cinco anos fora ordenado padre na capital, onde permaneceu em serviço nessa condição por longos vinte e um anos. O antigo arcebispo, dom Johannes Wendel, alemão de nascimento, em dezembro de 1931, presidiria sua sagração como bispo de Santana da Conceição, onde foi entronizado no início de janeiro de 1932. Desde o iní-

cio, tomando contato com uma geografia tão variada, quanto de uma população tão diversificada, verificou que não seria fácil conduzir os negócios da igreja naquela região. De um lado havia os núcleos coloniais espalhados pela beirada dos altos e escarpas da serra, constituídos por centenas de famílias de descendentes de imigrantes europeus. De outro, aqueles contingentes de habitantes projetados pela campanha, os quais poderiam ser denominados de naturais do lugar. Embora não fossem. Os primeiros, dedicados à agricultura familiar. Os outros, em grande parte a toda sorte de negócio que envolvia a criação e o desenvolvimento de rebanhos, o comércio da carne, do charque e do couro. Os descendentes da imigração, na maioria muito pobres e ainda envolvidos no esforço de construção de um patrimônio familiar, eram quase na totalidade católicos obedientes e seguidores das recomendações de tudo que os respectivos párocos sugeriam. Inclusive politicamente. Os naturais do lugar, ao contrário, embora quase sempre se declarando católicos, mantinham com seus párocos uma relação de mútua tolerância no que convinha, que acima de tudo garantia e preservava direitos e privilégios dos mais ricos. Ou quando era possível, também dos mais pobres. Dom Sinfrônio Weiss era o terceiro bispo da diocese de Santana da Conceição. Desde a

chegada começou por unificar o discurso dos padres espalhados pelas paróquias da diocese. Ao mesmo tempo, investiu na construção de seminários dentro e fora de sua jurisdição religiosa. Fato que fez redobrar o respeito por sua pessoa, principalmente nos redutos coloniais. Pois, tendo criado tantos espaços que, antes de serem lugares para desenvolvimento de vocações religiosas propriamente ditas, também eram locais de estudo, possibilitava às famílias, notadamente as mais pobres, uma oportunidade a mais de formação dos filhos homens. Como também patrocinou e promoveu a vinda de inúmeras ordens religiosas femininas para a diocese de Santana da Conceição, que de um modo ou de outro também cumpriam o mesmo objetivo. Sempre envolvido com políticos regionais, ou estaduais, durante décadas tornou possível a nomeação de religiosos de algumas ordens, como funcionários públicos na área da educação. Agregador natural de valores religiosos e políticos, passava o tempo inteiro realizando obras que se destinavam ao desenvolvimento dos domínios de sua diocese. Desse modo, dom Sinfrônio Weiss era um dos motores da igreja católica no extremo sul do país. Até mesmo um santuário, com toda a mística que envolve obras desse gênero, ele começou a construir, em obra anexa a um seminário menor também

fundado por ele. Em 1935, ele lançava a pedra fundamental daquele que viria a ser, com o tempo, o principal santuário do sul do país. Em torno dele e dessa obra a que se pode chamar, relativamente ao tempo em que foi iniciada, de monumental, iriam estar reunidos incontáveis religiosos, lideranças políticas e intelectuais católicos do estado. Foi, portanto, nesse contexto, que dom Sinfrônio Weiss se lançou ferrenhamente na busca de um pároco para Guambu-Guaçu, tentando um ponto final naquela história de que ali não parava padre nenhum. Ele tinha três alternativas para isso. Na primeira delas, podia convocar um sacerdote de meia idade, ranzinza o suficiente para estancar qualquer força contrária à eventual presença de qualquer religioso no lugarejo. Na segunda delas, podia mandar um ocupante paroquial de transição “permanente”, fingindo que depois de dois ou três anos, sem nada que houvesse de novo, ou simplesmente se valendo do princípio do continuísmo, fingiria que esquecera o assunto. Pois um padre a mais, ou um padre a menos, em qualquer lugar do mundo, tanto faz. Assim, tudo ficaria como estava com o dito cujo vigário provisório. Como terceira alternativa, ele podia simplesmente encarar o problema de frente, determinando sua vontade e pronto. Pensou muito, trocou ideias com os mais próximos e foi justamente um padre

novato, com menos de um ano de ordenação, que produziu aquilo a que se poderia denominar de “solução clássica”. Quando chegou a sua vez de ouvir a confidência do prelado diocesano, em momento no qual organizava alguns papéis no gabinete do bispo, ele foi econômico ao expressar a própria opinião a respeito. Disse apenas que o bispo era o bispo e, sendo bispo, era soberano na escolha e designação do religioso que quisesse enviar para a cidade. E ninguém podia contestar. Dom Sinfrônio não apenas entendeu o que o padre jovem dizia, mas apreciou muito a opinião dele. Esse jovem religioso, padre Talarico Bernadet, era o segundo filho a ser ordenado em uma família numerosa de colonos pobres, com pequena propriedade serrana em um distrito do antigo município de Antonio Nunes, São Luis do Canindé. Lugar, aliás, onde o bispo se preparava para criar um dos seminários de sua diocese. A família do padre Talarico, que já tinha um padre ordenado há mais tempo, também contava com algumas noviças em conventos de freira na região. Eram descendentes de italianos do Vêneto, na Itália, onde outros dois ramos da mesma família também detinham mais membros espalhados entre o clero da igreja católica. Desse modo, seja pela opinião franca e direta do padre Talarico a respeito de quem mandava ali, seja pela origem familiar dele, seja pelo

extraordinário destaque obtido nos estudos que, depois da ordenação, o trouxeram até a diocese, seja ainda pelo espírito de clara priorização institucional, o bispo começou a enxergar nele um assessor de fundamental importância para ele próprio, para a diocese, ou para a igreja. Foram vários os nomes que ele considerou indicar para Guambu-Guaçu. Dentre mais de trinta, fixou-se em três. Havia um deles, padre Fâmullo Battocchio, que era quase o seu preferido, não fosse ele já ser conhecido do lugar. Aliás, contra ele pesava uma intriga local, justamente produzida por dona Vivi Knaupp. Certa feita, ela procurara o bispo para reclamar do padre, que na verdade nem tinha sido indicado pelo bispo para estar ali. Esse religioso, integrante de uma ordem conhecida pelas ligações afetivas e ideológicas ao magistério, era uma espécie de aberração institucional. Aberração, porque sua vida pessoal e profissional decorria de um amancebamento entre a igreja e o governo do estado. Pois ele era, simultaneamente, religioso e funcionário público. Mais ou menos por volta do fim dos anos de 1930 tinha sido nomeado para um cargo na secretaria de educação. Em data posterior, destacado para a cidade com a missão de abrir ali um ginásio estadual, passara vários meses no lugar, em reuniões com chefes políticos e lideranças locais, tentando estabelecer o melhor local e,

igualmente, as etapas para implantação do estabelecimento. Enquanto ficara por ali, celebrava missas aos domingos, ouvia confissões das velhas beatas e entretinha-se com a participação em mais de um círculo de convívio social na cidade. Convívio este que acabou incluindo o de alguns figurões que tinham fundado uma loja maçônica, a “Acácia de Guambu-Guaçu”. Pode-se dizer que ele foi a primeira pedra no sapato de dona Vivi Knaupp. Mas foi também a pedra angular da mulher no trato direto com a igreja. Pois terá sido esse religioso que serviu de pretexto para o livre trânsito dela entre o lugarejo e o gabinete episcopal. Dona Vivi Knaupp, subordinada à ideia, tão comum na época, de que maçonaria era coisa do diabo, quando soube das reuniões do padre Fâmullo Battocchio com os próceres da ordem maçônica local, ficou fula da vida. Começou a difama-lo, atribuindo-lhe a pecha de “traidor dos sagrados princípios cristãos”. Fosse lá o que isso quisesse dizer. Em algum momento, justamente por causa desse incidente, o bispo imaginou que ele fosse a melhor resposta para o lugar. Até porque conhecia a história toda, relatada à época pelo próprio religioso, que justificava a necessidade de garantir para o novo estabelecimento todos os apoios possíveis. Segundo ele, apenas conversar com maçons não fazia dele um obreiro

da ordem. Outro nome, que o bispo destacou para as próprias considerações, era o de um padre também ordenado a menos de dez anos, Angelo Angelini, que jamais passara pelo lugar, mas que auxiliava na diocese no posto para o qual fosse indicado. Atuava em qualquer frente sem vacilar, sem contestar, nem argumentar. Havia ainda um terceiro nome. O de padre André Moretti, que tinha mais ou menos o mesmo perfil do padre Angelo Angelini, mas era mais despachado e ousado, nunca dando a impressão de qualquer aparente fraqueza ou timidez. Dom Sinfrônio Weiss era homem que sabia o que queria, sabendo o que fazer e como fazer para tudo dar certo no momento apropriado. Não tinha o hábito de entrevistar ninguém. Pelo menos ostensivamente. Embora o fizesse sem que ninguém percebesse. No fundo, o bispo era também um grande dissimulado. Nesse sentido, a pretexto de uma comemoração qualquer, em uma data dedicada a um santo ou santa qualquer, mandou que organizassem uma celebração com almoço na Villa Domenica, uma espécie de casa de campo da diocese, existente no alto da serra, fora de Santana da Conceição. Ao almoço mandou que viessem todos os padres, dentre os quais ele estava considerando escolher um deles para enviar como pároco a Guambu-Guaçu. Sem que ninguém percebesse do que se tratava,

conversou com todos eles. Um a um, em algum momento daquele dia, passaram por ele. Ao concluir todas as conversas, chegou à conclusão de que estava absolutamente certo sobre os três nomes que tinha em mente. Terminada a jornada, cada um voltou para o lugar de onde veio. Mas o bispo queria conversar um pouco mais com pelo menos esses três. Assim, os padres Fâmullo Battocchio, Angelo Angelini e André Moretti partiram com ele para a sede da diocese. No dia seguinte, como se diz, ele abriu o jogo, explicando a natureza daqueles contatos pessoais. A primeira defecção veio justamente do padre Fâmullo Battocchio que, atraído a um novo cargo no governo do estado, estava mais inclinado a exercer função civil do que religiosa. Evidentemente, escusou-se de maneira elegante e gentil ao bispo, encarecendo ao prelado fosse dispensado por ele, tendo em vista que, segundo pensava, serviria melhor a igreja em um cargo político do que em um posto como cura paroquial. O segundo a sair foi o terceiro. Na verdade, padre André Moretti, que acabara de perder o pai em localidade próxima a São Luis do Canindé, já estava administrando a herança recebida. Tratava-se de uma grande porção de terras, onde mantinha um grande contingente de meeiros de outras famílias, ocupados na produção de inúmeros itens alimentares comercializados com êxito

por toda a região. Começou falando da mãe enferma, dos irmãos menores e das obrigações deixadas pelo genitor defunto, que necessitavam ser saldadas. Fato que, na hipótese de ser feito vigário em algum lugar longe de casa, complicaria as obrigações familiares. Ao bispo pouco importavam as razões de qualquer um deles. Importava, isto sim, era a determinação pessoal de quem fosse escolhido, em cumprir ordens e levar a bom termo o plano para desaparecer qualquer influência externa na localidade em questão. Foi desse modo que, tendo restado apenas o padre Angelo Angelini, por um momento satisfez-se com esse nome e adiou para a semana seguinte uma conversa mais objetiva com ele. Ao concluir essa etapa do processo, assim que os três padres se retiraram, convocou à escrivania, onde estivera sentado em conversa com eles, o jovem padre Talarico Bernadet. Indagado diretamente e sem meias palavras sobre o que achara daquela conversa, o religioso, que passara o tempo inteiro da reunião em uma mesa ao lado, em aparente conferência de alguns registros episcopais, foi novamente objetivo e claro com o prelado. Disse que o perfil do padre Angelo Angelini era aquele que o bispo estava procurando. Mas completou, no fim da frase, um novo argumento que aguçaria a curiosidade de dom Sinfrônio. Referiu-se à turma de seminário na qual

se formara o padre Angelini, dizendo que todos eles tinham o mesmo perfil. No seu entender esta fora uma turma altamente comprometida com os ideais apostólicos da igreja, constituída de religiosos altamente disciplinados e, sobretudo, integrada por homens extremamente marcados pelo dever. A única diferença que ele via neles era o temperamento de uns, que eram mais aguerridos que outros. Ou seja, padre Angelo Angelini, que aparenta certa timidez, tem os mesmos predicados de outros que são ostensivamente mais espontâneos. Ou, de outros, que mais fechados ainda que o padre Angelini, são mais ativos e diretos. O bispo, então, quis entender como um padre assim tão jovem podia dispor de tamanha gama de informações sobre uma turma inteira de seminaristas que foram ordenados padres muito tempo antes dele ter ido para o seminário maior. Ao que ele explicou ter sido decorrência do contato com seu irmão mais velho, padre Sinfrônio Bernadet, que também integrara essa mesma turma. Foi quando o bispo se recordou desse citado religioso, por acaso irmão daquele notável ajudante. Quis saber onde ele se encontrava. Foi informado que era substituto eventual em paróquias da diocese, servindo principalmente em regiões habitadas por descendentes de imigrantes italianos. Ao que parece, o seu ponto forte.

Ficou sabendo também que nunca fora mandado para os lados de Guambu-Guaçu, nem passara perto do lugar. No entanto, conhecia bem as colônias, como eram chamados na época os aglomerados da zona de cultivo rural integrados pelas “linhas demarcadas”. Essas colônias frequentadas pelo padre Sinfrônio Bernadet, embora pertencendo à paróquia de Guambu-Guaçu, eram acessíveis por outro caminho. Havia uma estrada que saía de Santana da Conceição em direção a São Jaques, que passava por São Tomás da Serra e ia dar em Barranco Feliz, Linha Bonita, Simão Cireneu e Alves Feitosa, todas integradas por pequenas comunidades católicas, de gente ordeira e trabalhadora, de origem muito pobre e humilde. Em quase dez anos de ordenação sacerdotal, servindo como substituto ou vigário eventual nessas pequenas localidades, nunca fora objeto de comentário algum, fosse elogioso ou não. Padre Sinfrônio Bernadet quase não sorria. Era avesso a situações de riso, não gostava de piadas e, certa feita, em momento de celebração da diocese, quando havia inúmeros religiosos de outras jurisdições em um almoço na Villa Domenica, um prelado auxiliar da cúria da capital, ao contar uma anedota sobre um padre idoso em uma aula de catecismo para crianças, percebeu que ele não entendera a piada e por essa razão não rira como os outros. O chiste

consistia na narrativa acerca de um grupo de crianças ouvindo um velho religioso, que falava do paraíso. Dizia que, depois da morte, todos que fossem para o céu encontrariam Jesus, os santos e os anjos, tendo indagado a seguir quem queria ir para o céu, ao que todos levantaram a mão. Perguntou, então, quem desejava ir para o céu naquele momento e nenhuma das crianças se mexeu. Enquanto todos que ouviam a história riram, o jovem padre Sinfrônio Bernadet continuava sério, com o ar de quem estava perdido quanto ao significado daquela história, aparentemente sem nada entender. O bispo auxiliar da cúria da capital, que chegara a ficar constrangido em frente aos religiosos que ouviam aquela graça, comentou depois com dom Sinfrônio Weiss que aquele padre, sim, era mais burro do que um portão. Este fato era a única referência que o bispo tinha dele até aquele momento. Mas ficou muito entusiasmado com a ideia de conversar com ele. Principalmente porque se tratava do irmão mais velho do jovem padre que estava se tornando o seu principal auxiliar. Mandou, pois, que viessem para almoçar com ele no meio de uma semana de pouca atividade, os padres Angelo Angelini, Sinfrônio Bernadet e um já bastante idoso, que havia recomendado antes o padre Max Lamborghini justamente para ir a Guambu-Guaçu. Era um religioso muito res-

peitado, que muitos anos antes terminara os estudos no Colégio Pio Brasileiro, em Roma, onde fora ordenado e passara algum tempo trabalhando na própria instituição. Em face da idade, já não tinha nenhum cargo, mas auxiliava muito quando era convocado. Como naquele momento, para acompanhar e opinar na difícil escolha empreendida pelo bispo. O nome do velho sacerdote era Apolinário Venturini. Nascera no fim do Séc. XIX, em uma pequena comunidade de descendentes de italianos, próxima à capital do estado. Essa comunidade praticamente já tinha desaparecido, pois quase todos os filhos homens das famílias que faziam parte dela, em três ou quatro gerações, tinham seguido carreira religiosa. No dia ao almoço, ele foi o primeiro a chegar. Dom Sinfrônio Weiss, ainda nos anos em que trabalhara em uma paróquia da capital, tornara-se muito amigo dele. Braço direito do arcebispo naquela época, era um dos principais ajudantes de dom Johannes Wendel. Comentava-se naqueles tempos, inclusive, que a própria indicação do nome de dom Sinfrônio como bispo, tinha em muito a ver com a influência do padre Apolinário Venturini junto ao arcebispo. Ele era tio avô de padre Max Lamborghini, mas quase ninguém sabia disso, mesmo nos círculos da diocese. Na época, quando o velho religioso sugeriu o nome do sobri-

inho neto para pároco em Guambu-Guaçu, a maioria dos integrantes da mitra imaginava que ele estava induzindo o bispo a mandar um padre muito novo e sem experiência, para servir em uma comunidade da campanha que todos detestavam, como uma espécie de castigo. Nos meses que antecederam a escolha de padre Max, o jovem cura tinha introduzido sorteios de frango assado em uma quermesse do santuário em construção, para arrecadar fundos à dita obra. A qual, como se sabe e costuma ser, nada tem de muito urgente. Pois obras dessa natureza, em qualquer parte do mundo e da história, costumam se arrastar longamente, sem tempo para terminar. O jovem imaginou que devia obter, com a rifa de frangos assados à moda do Piemonte, praticamente quase todo dinheiro para conclusão de boa parte da obra. O modo todo seu de demonstrar certa irreverência, aliada a um incontornável método persuasivo, praticamente fez com que todos os abordados se sentissem como que obrigados a contribuir com uma rifa cara o bastante para impedi-los de consumir em outros atrativos daquele evento. Quer dizer, seduzidos pela lábia daquele padre moço, todo mundo acabou comprando a rifa por um preço exageradamente alto, que era quase o preço de uma galinha gorda, ficando depois sem dinheiro para gastar no resto da festa. O resultado foi o

inevitável fracasso da arrecadação de fundos para o santuário. Razão pela qual não foi difícil aliar uma coisa com outra, ou seja, imaginar que a designação para Guambu-Guaçu era puro castigo para ele. O velho padre Apolinário Venturini queria mesmo era ver o sobrinho neto firmar-se como um verdadeiro pároco. Desse modo, todo mundo na cúria que pensava assim estava absolutamente errado. Primeiro, porque o bispo tinha plena confiança na experiência, serenidade e objetividade que embasavam as opiniões daquele velho religioso. Depois, porque mesmo o incidente provocado por dona Vivi Knaupp em Guambu-Guaçu para afastar aquele padre jovem, por acaso sobrinho neto do idoso, já era assunto absolutamente superado. Por último, porque o padre Venturini, apesar da idade, ainda tinha trânsito e prestígio, de Santana da Conceição a Roma, passando pela capital do estado e incluindo outros nichos de notoriedade canônica no país. E o bispo estava certo, ele era profundo conhecedor de pequenos detalhes que, na maior parte das vezes, passavam fora da percepção de grande número de pessoas. Nessa condição, ele chegou para a reunião convocada por dom Sinfrônio Weiss. Foi anunciado e entrou imediatamente. Como ainda faltavam bons minutos para o horário marcado pelo bispo, este aproveitou para

iniciar uma conversa, em nada muito comum com o assunto da escolha do pároco propriamente dita. Iniciou com um comentário até certo ponto maldoso sobre a população de Guambu-Guaçu, que ele continuava a achar estúpida, maledicente, arrogante, intolerante e, por tudo isso, muito ignorante. Opinião que, com a devida vênia, foi elegantemente discordada pelo padre. Pois ele atribuía aquele modo grosseiro de comportamento a um viés cultural. Para ele, era apenas uma diferença na maneira de ser e não necessariamente um traço de caráter irregular. Para fazer com que o bispo entendesse o que queria dizer, usou um exemplo da própria igreja, focado na diocese de Santana da Conceição. Enfatizou, por exemplo, o fato dos dois prelados que antecederam dom Sinfrônio Weiss terem vindo de outro estado. No caso, o primeiro, como o segundo, eram baianos. Fato que, na sua opinião, era uma temeridade pensar em religiosos assim para constituir diocese em região tão árida do ponto de vista religioso e humano. O primeiro prelado, dom Rafael Pontes de Limaverde, ainda que descendente de portugueses, era essencialmente baiano. E, como baiano, do ponto de vista cultural, agiu naquele interior de estado do sul como autêntico baiano. Isto é, deixando que tudo continuasse como sempre fora, praticamente sem nada contrariar, sem

ingerir em nada e quase tudo permitindo. Tanto que, na época em que esteve em Santana da Conceição, entre 1911 e 1922, quando retornou ao nordeste, assumindo importante arquidiocese, não foram raros os casos de padres que procriaram, deixando para trás um estuário de filhos sem pai. A única exceção fora o padre Inácio Gonçalves, antigo vigário da catedral metropolitana, que não apenas assumiu o menininho como filho, dando-lhe o próprio nome, como continuou a exercer o ofício religioso sem que tenha havido qualquer censura conhecida. E não fosse esse filho ter morrido de tuberculose em um seminário no Rio de Janeiro, também seria padre depois do progenitor. Falar do segundo bispo, dom Átila Pedro Campos, também baiano, que permaneceu na diocese entre 1922 e 1928, antes de transferir-se para uma diocese no interior paulista que ajudara a criar, é repetir a história do primeiro. Não se pode generalizar dizendo que a esculhambação na diocese era geral, mas se pode inferir que, em face dessas duas primeiras lideranças, a igreja viu acontecer o que não se via em outras regiões da igreja, seja no Brasil, ou em qualquer parte do mundo católico. Segundo padre Apolinário Venturini as pessoas são o que são, no lugar onde eventualmente se encontrem. O que importa, isso sim, é a liderança, o espírito do empreendimento comprometido

com os postulados da igreja. Não importa se a população católica está na cidade ou no campo, no sul ou no norte, na serra ou na campanha e assim por diante. O que importa é a liderança de quem está à frente da obra. Também não importa muito se o religioso que vai exercer essa liderança é mais, ou menos, instruído. Não importa, principalmente, se ele tem cultura refinada, ou não. O que ele precisa são duas coisas. A primeira é estar devidamente subordinado ao bispo e ao que o bispo deseja que ele faça. A segunda é conhecer profundamente as condições de vida de quem vive na região onde vai atuar. Condições de vida que incluem as perspectivas de futuro, porque é no futuro que está a esperança. Condições de vida que estabelecem os modos de relacionamento entre as pessoas, porque é através desses laços que se pratica a caridade, o amor cristão. Enfim, condições de vida que pressupõem causa e consequência, mas sobretudo uma consequência que, como se deseja, esteja comprometida com os propósitos da igreja. O velho padre Apolinário Venturini continuou, ressaltando a importância da influência do trabalho de dom Sinfrônio Weiss em toda a diocese. Um prelado que veio praticamente para restaurar o verdadeiro papel da igreja. Ao atrair ordens religiosas diversas, obtendo apoio inclusive do poder público, como doações de terrenos e custeios

de obras, deu um passo importante e gigantesco para o fortalecimento daquela região no estado, como uma região católica. Fortalecimento que também passou pela construção dos seminários, pelo desenvolvimento de agremiações civis de inspiração católica, como as associações de vicentinos, todas elas comprometidas com os princípios doutrinários da igreja. Princípios que se estendem das sacristias à militância político partidária. Nem importa muito se essa militância se concentra em partidos tradicionais e conservadores. Mas o velho religioso ainda discorria sobre como se valer das práticas e dos mitos locais em benefício da própria igreja, quando chegaram os padres Angelo Angelini e Sinfrônio Bernadet. Tinha também chegado um padre da capital do estado, de nome Augusto Padeus, com uma carta do arcebispo, dom Johannes Wendel, que foi anunciado imediatamente, embora o prelado não tivesse entendido muito bem qual terá sido a razão desse verdadeiro penetra em uma reunião para a qual não fora chamado. Como os demais ainda não tivessem chegado, o bispo mandou que esperassem. Estava um pouco confuso com a chegada desse elemento estranho. Por esta razão, aproveitou o tempo para entabular alguma conversa com quem ele considerava o seu melhor interlocutor, padre Apolinário. Falou que até concordava

com ele, mas que não conseguia perceber a diferença entre um bispo baiano, um bispo carioca, um bispo paranaense ou qualquer outro bispo brasileiro ou estrangeiro. Ao que o velho padre, igualmente falando em tom muito brando, disse que sim, que não há. Mas que as diferenças de criação em famílias do norte, do nordeste ou do sul do país podem acentuar modos diferentes de percepção nas pessoas. Principalmente, se essas famílias, além de já carregarem os elementos culturais dos lugares onde se encontram, também trouxeram conteúdos culturais de origem, como é o caso das famílias de tantos padres descendentes de imigrantes italianos, alemães ou poloneses existentes na região da diocese de Santana da Conceição. Enfatizou que o próprio prelado, nascido no seio de uma família de agricultores pobres, em Santa Planta, que aparentemente viviam apenas do plantio do fumo, trazia com ele muito da disciplina, do rigor e da dedicação dos ancestrais que vieram há tanto tempo da Renânia para o Brasil. Por último, indagou ao bispo, em tom quase irônico, se ele via alguma diferença no seu modo de ser e no modo de ser do arcebispo da capital, dom Johannes Wendel, que nasceu na Alemanha e veio para o Brasil aos oito anos. O bispo aproveitou a oportunidade desse comentário para ir fundo numa questão que o vinha perturbando desde os tempos

em que era o vigário em uma paróquia da capital. Exclamou, de uma maneira bastante exagerada, que mesmo entre religiosos de ancestralidade alemã, como o padre Godofredo Clemente Brenner, com quem ele andou se estranhando por conta do referido posto, havia muita diferença, sim. Segundo dom Sinfrônio, ele era o mais carreirista, o mais oportunista e o mais entreguista dos padres em serviço na cúria da capital. Instado talvez por inconsciente rejeição ao religioso, o bispo acabou revelando um lado seu pouco conhecido, que era a fúria contra gente que ele não tolerava. Continuou dizendo que aquele padre vivia amancebado com o poder, a ponto de ter seguido com as tropas lideradas por Getúlio, de quem se fizera amigo incondicional. Dom Sinfrônio Weiss não suportava, fosse quem fosse, a servir de capacho dos políticos. Pois qualquer um que assim procedesse estaria, no mínimo, de olho em oportunidades inconfessáveis. Não será de estranhar, continuou o bispo, se amanhã ou depois esse padre aparecer aqui como bispo, ou quem sabe cardeal. Pois, na opinião do prelado, aquele verdadeiro concubinato entre o padre e os altos mandantes do país, já em pleno período ditatorial, só indicava que ele tinha planejado um percurso de ascensão pessoal muito bem traçado. Padre Apolinário Venturini começou a não entender bem

a momentânea explosão do prelado. Mas logo ficaria sabendo que até mesmo no momento em que dom Sinfrônio, empreendendo árdua e complicada tarefa, selecionava um pároco para Guambu-Guaçu, o padre Clemente Brenner, como era conhecido, começava a meter a sua colher. Não se sabe como, mas um dos religiosos que aguardavam a reunião com o bispo, padre Augusto Padeus, era indicação de padre Brenner. Aliás, monsenhor, título com o qual fora agraciado no retorno das tropas que acompanharam Getúlio Vargas em 1930. O chefe desse padre, até então um religioso sem grande expressão, era dom Johannes Wendel, o arcebispo da capital. O qual, aliás, ficou contrariado com a recomendação da Santa Sé para a outorga do título, pois sabia que tudo tinha relação com Getúlio, um poder discricionário instalado no Rio de Janeiro após um golpe de estado e aquilo que o arcebispo entendia como amancebamento das coisas da igreja com a política. Pois padre Brenner tomou a dianteira e enviou aquele apadrinhado, que de um modo ou de outro, iria complicar um pouco as coisas. Complicar porque desde o primeiro instante ele já começaria a criar problema. Na chegada à diocese, que não se sabe como ele, ou o padre Brenner, descobrira a data, a hora e o local do encontro com o bispo, desentendeu-se com o padre Talarico Bernadet, nesta

altura já trabalhando como secretário do prelado. O padre da capital imaginava que o padrinho, em razão de também ser um apadrinhado do arcebispo da capital, dispunha de algum poder hierárquico sobre o bispo de uma diocese do interior que, na sua percepção, não tinha tanta importância assim. Quando o padre Talarico argumentou que a reunião estava programada para acontecer apenas entre o prelado e três padres convidados da própria diocese, o padre Augusto Padeus, como se diz, subiu nas tamancas e tentou enquadrar o jovem religioso, dizendo que seria impensável ele vir da capital com uma carta do arcebispo, exatamente para isto, sendo obrigado a retornar sem sequer ter sido avistado pelo bispo. A cena de exaltação explícita daquele religioso, acontecida inesperadamente na antessala do bispo, bem em frente aos padres Ângelo Angelini e Sinfrônio Bernadet, no momento em que também chegavam os padres André Moretti e Fâmullo Battocchio, levou o padre Talarico Bernadet a voltar a interromper a conversa de dom Sinfrônio Weiss com o padre Apolinário Venturini. A portas fechadas, com muito tato, relatou a ocorrência ao prelado, que olhou indagativamente ao padre Apolinário. Este se limitou a dizer que o bispo tinha razão quando falava do padre Brenner. E acrescentou que não seria de estranhar, mesmo, que ainda se deparassem no

futuro com aquele homem sagrado bispo, ou quem sabe cardeal. O incidente fez com que dom Sinfrônio interrompesse imediatamente a conversação e ordenasse a entrada de todos que estavam na antessala, incluindo o próprio padre Augusto Padeus. O qual, aliás, ao entrar e começar a saudar o prelado, foi imediatamente interrompido com uma ordem para sentar-se. Na sequência, o bispo cumprimentou efusivamente os demais. O último a ser saudado por ele foi justamente o padre Sinfrônio Bernadet. Depois de dizer que, embora já tivessem estado juntos em mais de uma oportunidade, ele não sabia que era irmão do novo secretário da cúria, o jovem padre Talarico Bernadet. Depois introduziu o assunto de maneira breve, dando a impressão de que já tinha tomado uma decisão a respeito. Foi tão claro na exposição, que todos logo perceberam a contrariedade do padre Augusto Padeus. O bispo encurtou a conversa dizendo que Guambu-Guaçu era como se fosse uma terra árida, que necessitava urgentemente de adubo e muito esforço físico na erradicação de ervas daninhas e de formigas que devastam o campo. Disse também que a constante falta de chuva naquela seara tinha agora que ser substituída por abundante irrigação. A maioria entendeu a metáfora utilizada por dom Sinfrônio Weiss. Apenas dois dos presentes pareciam não estar entendendo muito bem

aquele modo de relacionar o assunto. O primeiro deles era justamente o padre Augusto Padeus, que tinha nenhum interesse em conversar a respeito da natureza do lugar para o qual, mediante intervenção de padre Clemente Brenner, fora mandado ali na simples busca de uma oportunidade para assentamento em uma paróquia. O segundo a aparentemente não estar entendendo era justamente o padre Sinfrônio Bernadet. Enquanto o primeiro expressava um olhar de franca e desconsolada contrariedade com aquela conversa, o segundo expressava uma fisionomia de curiosa indagação, como que querendo indagar o que significavam todas aquelas palavras do prelado. No fim das observações, o bispo agradeceu a vinda de todos, revelando que já tinha se decidido na véspera pela escolha do padre Sinfrônio Bernadet. E o fez de forma direta e objetiva. Tão clara que o padre Augusto Padeus não conseguiu esconder o ar de raiva explícita que tinha estampado no rosto. Foi quando o bispo, virando-se abruptamente para ele, indagou como ele veio parar ali. Ele contou rapidamente que era irmão do capitão padre Cesar Padeus, capelão militar que naquele momento acompanhava as tropas brasileiras na Itália. Disse também que sua família era muito próxima de padre Clemente Brenner, de quem fora aluno quando estudava no Colégio São Tomé, na capital, antes de ir para

o seminário. Por fim, esclareceu que o padre Brenner procurara o coronel Maciel Bezerra na capital, de quem ouvira a garantia de incondicional apoio para os projetos da paróquia, ou de tudo que a paróquia estivesse necessitando. Como o coronel Maciel Bezerra sabia do projeto para aquisição de um sino, para o qual a paróquia até então não dispunha do correspondente numerário, resolvera antecipar a garantia desses valores, talvez como forma de pressionar o bispo de Santana da Conceição. Afinal, até aquela época era a diocese que arcava com a maior parte dos gastos de uma paróquia, cuja população não abria a mão nem para dar adeus. Pela primeira vez naquela data, percebeu-se o bispo interessar-se pelo inusitado de uma proposta como a que estava sendo trazida por aquele padre. Mesmo assim, fingindo total desinteresse por ela, estendeu o anel para que todos se despedissem e fossem embora. Ao chegar a vez de padre Sinfrônio Bernadet, disse-lhe para ficar, pois ele deveria partir para Guambu-Guaçu na manhã seguinte. Assim, todos foram embora, menos ele. Após o almoço, mandou que o secretário chamasse o irmão e viesse com este até o gabinete. Quando os dois entraram no escritório do bispo, dom Sinfrônio Weiss fumava lentamente um charuto, com o olhar perdido em frente, aparentemente em direção a uma tela na qual estava pintada

uma imagem da Virgem Maria, que recebera há poucos dias de uma jovem artista chamada Carmencita, que anos depois se tornaria freira e morreria quase aos cem anos de idade em um convento. Quando os dois irmãos entraram, o bispo indagou, sem tirar os olhos da tela, o que eles achavam do quadro. O padre Talarico Bernadet, dizendo que achava a obra muito bonita, porque a Virgem estava sobre o globo terrestre e abaixo da Santíssima Trindade, ressaltou que, no seu entender, a obra deveria no futuro estar no altar de uma futura igreja consagrada à santa. O padre Sinfrônio Bernadet, por seu lado, laconicamente, disse que Nossa Senhora, em qualquer representação, é muito importante para que as pessoas se sintam seguras e amparadas, pois ela é sempre a representação da Mãe de Deus. Sendo que a Mãe de Deus é o principal caminho para a salvação. O bispo apenas sorriu. Mandou que os dois sentassem. Ainda sem nada dizer, convencido de que estava certo em suas opiniões sobre aqueles dois padres, conteve a satisfação pessoal. Aparentemente, ele já antevia um futuro bem distante, além da própria vida. Tinha convicção de que o jovem padre Talarico Bernadet teria uma profícua carreira religiosa. Provavelmente, algum dia, tornar-se-ia um bispo muito respeitado. O bispo tinha certeza de que o padre Sinfrônio Bernadet, por seu lado, iria

morrer como o padre simples, pouco inteligente, mas determinado que ele era. O padre que dedicaria a vida inteira a serviço da igreja, tornando-se um vigário também muito respeitado. Afinal, ele era o pároco que ele imaginava para Guambu-Guaçu. Tinha a mais absoluta convicção de que seria o padre que ele queria para dobrar toda aquela gente arrogante da campanha. Era o religioso que ele estava tentando encontrar para domar vontades e moldar condutas segundo a medida conferida pela régua da igreja. Tinha a certeza de que ele chegaria àquela cidade sem ceder nada a ninguém. Nesse sentido, o prelado iniciou uma explanação do que queria dele. Explicou como o padre Sinfrônio Bernadet deveria proceder desde a chegada a Guambu-Guaçu. Acertou com ele que sua ida ao lugar deveria antecipar-se em pouco tempo à viagem da comitiva diocesana, que ali estaria para a cerimônia de seu assentamento como pároco. Deu-lhe instruções severas sobre o que dizer para cada um dos notórios que o procurassem, fosse para demonstrar prestígio, fosse para evidenciar algum poder, fosse ainda para oferecer benefícios ou reclamar privilégios. Foi nessa conversa que o próprio nome da cidade acabou virando assunto. Quem tomou a iniciativa da abordagem foi o padre, não o bispo. Ele começou dizendo que o nome era um equívoco, pois

guaçu, ou açu, quer dizer grande no idioma indígena. Guambu, por outro lado, é palavra inexistente no mesmo idioma. O que existia, segundo o padre Sinfrônio Bernadet, era cuambu, ou quanbu, cujo significado era carrapicho, picão, erva daninha. O nome científico da planta era “*bidens-adhaerescens*” ou “*gariofilata*”. Mas o mesmo vegetal nativo, muito encontrado naquela parte da serra, era também chamado de piolho de padre. O que, em outras palavras, o nome da cidade nessa corruptela significaria “piolho-de-padre grande”. O bispo arregalou os olhos, fechando o semblante e anunciando aquela trovoada que vem antes da tempestade. Aparentemente ele estava perdendo a paciência, pois começava a entender que até mesmo o sentido do nome daquela droga de cidade estava para criar um enorme problema. Problema que se projetaria pelos tempos. Mas o padre Talarico Bernadet também argumentou, comprovando uma característica que o fazia ser admirado pelo prelado. Ele disse que um dile-tante local já tinha escrito um ensaio sobre o significado de Guambu-Guaçu, ressaltando que esse autor, de nome Benedito Portela, explicara que o nome, encontrado em velha herdade indígena em lugar ermo da região, na verdade continha um erro. Pois, como o autor tinha constatado, a palavra que alguém teria tentado inscrever em

uma placa de pedra não era Guambu, mas guatambu, ou quatambu, que era o nome de uma árvore da família das “apocináceas”, que é muito usada para fazer cabos de enxadas e outros utensílios agrícolas. Mas que também significa porrete, ou tacape. Daí o autor local ter entendido que era lugar onde se colhia o material para fazer grandes tacapes de guerra. Nesse momento, o padre Sinfrônio Bernadet disse que não seria inapropriado entender o sentido do nome daquele lugar como “Porrete-Grande”. Já que a paróquia era dedicada a Nossa Senhora, até se podia fazer uma referência como o “Tacape de Nossa Senhora”. Afinal, Nossa Senhora esmagou a serpente com o próprio pé. Ou pelo menos era isso que ele entendia. Por que não ela também dispor de um porrete para esmurrar o demônio? O bispo gostou da ideia e se deu por satisfeito. Assim, quase um mês depois dessa conversa, quando o nome do padre Sinfrônio Bernadet já tinha sido suficientemente anunciado na diocese e na comunidade de Guambu-Guaçu, ele desembarcou na cidade numa segunda-feira à tardinha. Levava as chaves da igreja e da casa paroquial, cujas cópias ele já sabia que estavam em poder de determinada pessoa. Tendo sido devidamente instruído sobre a localização, principalmente da casa paroquial, pelo padre Fâmullo Battocchio, não encontrou dificuldade de

ir, de onde desceu da jardineira que o trouxera de Santana da Conceição, até a casa paroquial. Carregava uma grande mala de couro com repartições, onde acomodara as roupas que usava por baixo da batina, além de três delas, sendo uma confeccionada em linho azul clarinho, pouco comum naqueles tempos e lugar. Em outra mão carregava uma pasta de couro com cinco livros, uma caderneta, uma caneta tinteiro e três lápis. No ombro pendurara um capote com gola de veludo. Também usava um chapéu preto bastante surrado. De sorte que não foi difícil perceber aquele personagem caminhando célere, apesar de todo peso que transportava. De onde apeou avistou a igreja. Mas evitou contemplar o imóvel para não despertar interpretações que ele não desejava. Era muito magro. Uma magreza que dificilmente se avistava em pessoas do lugar. Até parecia um faquir. As pessoas que o viram pela primeira vez, como sempre faziam, apenas o observaram, sem sequer cumprimenta-lo. E lá foi ele até a porta da casa paroquial. Largou o que transportava sobre a calçada, enfiou a mão no bolso da calça por dentro da batina e apanhou o molho de chave. Abriu a porta. O que encontrou o surpreendeu. Para uma casa que devia ter estado fechada por tanto tempo, desde que o padre Max Lamborghini partira, até dava a impressão de que naquela mesma manhã

alguém arrumara as camas, varrera e lustrara o chão e deixara tudo o mais na melhor ordem possível. Procurou o quarto, que estava impecável, depositando mala e pasta sobre a cama. Retirou os conteúdos de uma e outra, acomodando os pertences e as roupas nos devidos lugares. Utilizou o toalete, verificando o perfeito funcionamento dos encanamentos, dirigindo-se a seguir à cozinha, onde havia um fogão a lenha, um armário com pouca louça e alguns talheres, além de pequena mesa circundada por duas cadeiras. No escritório, onde descobriu uma escrivaninha de parede, com tampa de ripinhas que enrolavam à medida em que se abria, também encontrou uma máquina de escrever praticamente nova. Verificou que aquele modelo, uma Imperial, fabricado em Leicester, na Inglaterra, era ainda mais atual do que o seu objeto de desejo desde que saíra do seminário. Finalmente iria dispor de uma máquina à altura de sua disposição para escrever sermões e notas. Estava assim admirando o objeto, quando ouviu alguém introduzir uma chave na porta da cozinha. Pareceu-lhe ouvir também que alguém entrava e demorava-se alguns instantes na própria cozinha. Ouviu ruído de gaveta abrindo e barulho de talheres sendo retirados dela. Não demorou para que avistasse dona Vivi Knaupp em pessoa, parada à porta do escritório. Intentou cum-

primenta-lo com efusividade. Mas ele apenas limitou-se a dizer boa-noite. Ela, então, começou a se apresentar, dizendo que era quem cuidava da conservação da igreja e da casa paroquial, assim como era também quem se ocupava de preparar almoço e jantar para o padre que eventualmente estivesse na paróquia. Ele a interrompeu. De modo seco, quase grosseiro, ordenou-lhe que deixasse as chaves da casa paroquial sobre a escrivaninha. Ela ia argumentar alguma coisa, mas ele a interrompeu de novo, falando que não trouxesse mais almoço e jantar porque ele tinha hábitos alimentares próprios e que, de agora em diante, ele mesmo prepararia suas refeições. Ela quis mudar de assunto, comentando sobre horários de missa. Ele quase se alterou. Deixou bem claro para ela que isto não era assunto seu. Que não haveria missa na cidade até a chegada da comitiva diocesana, presidida pelo bispo, no próximo sábado, quando ele seria entronizado oficialmente como pároco. Então ela ainda tentou um outro assunto, anunciando que no dia seguinte, que era uma terça-feira, chegaria um caminhão com o novo sino encomendado pelo coronel Maciel Bezerra em uma fundição de renome fora do estado. Que a encomenda já se encontrava em uma estação de trem pelas cercanias, aguardando um cargueiro que deixaria o objeto na cidade, para ser

instalado por conta de seu marido, o senhor Aurélio Knaupp. Ele olhou fixamente para ela e apenas a informou que o objeto seguiria direto para Santana da Conceição, seguindo ordens expressas do bispo, que já cuidara de tudo. O sino seria instalado em uma das torres da catedral. A mulher foi embora visivelmente transtornada. Mais tarde, uma empregada dela bateu à porta de entrada da casa. Ele a abriu. A moça disse que veio buscar a máquina de escrever do cunhado da patroa, o senhor Saul Knaupp. Deixando a moça na porta, sem manda-la entrar, olhou friamente para ela e asseverou que tudo que estava no interior daquela casa era de propriedade da diocese e que ela dissesse a quem a mandou ali que, antes de qualquer coisa, necessitava conversar com o bispo a respeito. Ela então tentou falar qualquer coisa a respeito do prato do jantar, que deveria leva-lo para lavar, ou algo assim, mas ele, outra vez imóvel e muito sério, sem explicar se jantar ou não, apenas disse para a moça que avisasse a patroa para não mandar mais nenhuma comida para ele. A empregada baixou a cabeça e se retirou. Dona Vivi Knaupp ficou furiosa quando ouviu o que o padre dissera para a moça, mas seu Aurélio Knaupp estava em casa aqueles dias e indagou qual era o motivo de tanto nervosismo. Ao que ela tentou explicar que era aquele padre que tinha chegado

naquele mesmo dia, a razão de tudo aquilo. Contou por alto o primeiro encontro com ele, a história do sino, das chaves e da proibição de entrar na casa paroquial, da devolução das chaves da igreja e, por último, da negativa de devolução da máquina de escrever de Saul Knaupp, o cunhado. Seu Aurélio era bronco, mas também era sagaz, dissimulado, fingido e traiçoeiro. Aconselhou a mulher a não se meter mais com o padre. No dia seguinte, enquanto ela engolia em seco todo o amor próprio ferido, ele seguia de automóvel para Santana da Conceição, onde pretendia avistar-se com o bispo. Ao chegar à sede da diocese, ficou extremamente chocado por encontrar na antessala do prelado o coronel Maciel Bezerra. O bispo convocara o fazendeiro por intermédio do interventor do estado. Queria solucionar a questão do sino que o coronel encomendara para a paróquia de Guambu-Guaçu. Depois de o bispo saber da disposição dele, em fazer o que ele entendia ser uma cortesia com o chapéu alheio, dom Sinfrônio Weiss entrou em contato com o interventor do estado para que providenciasse, o mais cedo possível, um encontro com o que ele chamava de “doador”. O coronel encomendara o sino a uma forjaria fora do estado. Depois, retirou o dinheiro da pasta da agricultura, de uma rubrica reservada às obras do frigorífico que o governo do estado estava cons-

truindo em Guambu-Guaçu. Na reunião reservada com o coronel Maciel Bezerra, realizada antes de receber seu Aurélio Knaupp, o bispo deixou bem claro que conhecia todo o procedimento daquela compra. Mas também deixou claro que não tinha nada com isso. O que mais intrigou o coronel foi o conjunto de informações sobre engenharia. Adiantou que o sino não caberia no campanário da igreja, que deveria continuar com o sino original, devendo o artefato ser instalado em uma das torres da catedral, para que não se perdesse, nem dinheiro, nem a boa intenção da doação. Coronel Maciel Bezerra, quando queria, era homem extremamente refinado. Concordou com tudo e ainda se dispôs a pagar, do próprio bolso, as obras de instalação do sino na sede da diocese. A seguir, dom Sinfrônio mandou que entrasse seu Aurélio Knaupp. O homem ficou meio sem jeito de ter que falar com o prelado na frente do conterrâneo. Mas falou assim mesmo. Começou dizendo que o novo padre não ia dar muito certo, porque já tinha se desentendido com sua esposa. E contou em detalhes a entrevista havida entre esta e o religioso. Acentuou, com rigor, o fato de o padre ter determinado que, embora sua presença no lugar, não haveria missa alguma até o próximo sábado, quando aconteceria uma cerimônia com algum tipo de comitiva. O bispo limitou-

se a sorrir. Em seguida, explicou qual era o procedimento da entronização de um pároco. Ele próprio estaria na cidade com outros religiosos. Seu Aurélio Knaupp, então, recuou da tentativa de intrigar o novo padre da cidade com dom Sinfrônio. Sabendo que o prelado estaria na cidade naquele próximo sábado, adiantou-se, anunciando o oferecimento de um grande banquete para celebrar o acontecimento. Todos se levantaram. Ao se despedirem, o bispo, que fumava um charuto extremamente fedido, com o objeto ainda na boca, olhou fixamente para seu Aurélio Knaupp e, extremamente sério, frisou que o padre agora enviado para a cidade, desta vez vai ficar em Guambu-Guaçu, quer gostem dele, ou não. Enquanto isso, padre Sinfrônio Bernadet, no fim daquele seu primeiro dia na cidade, ao verificar conectores das arandelas no interior da igreja, deparou-se com três senhoras de idades diferentes, que chegavam para rezar um terço. Elas eram dona Amália Soares, a mais moça delas e a única solteira, dona Emma Kurt, casada com um auxiliar de farmácia mais conhecido no lugar pelas periódicas bebedeiras, e dona Isaltina Vargas, viúva. Pelos próximos quarenta anos o padre se acostumaría a ver as três sempre juntas, com véu sobre a cabeça, terço entre as mãos, uma ao lado da outra, ajoelhadas sobre os genuflexórios dos bancos ao lado

direito da nave, antes, durante e depois de todas as missas que ele oficiaria no lugar. Ao avistarem o sacerdote, aproximaram-se respeitosamente, saudando-o e se apresentando. Quando ele as indagou que faziam ali, quase seis da tarde, dona Amália Soares informou que pretendiam rezar um terço, pois, pela primeira vez em meses, viam a igreja aberta àquela hora. Ele, então, as convidou para ajoelharem-se e, juntos, entoarem as orações do terço. Como faria, pelos anos vindouros, ele mesmo puxaria as rezas, a seguir completadas por elas. Desnecessário dizer que, no dia seguinte, mesma hora, a igreja estaria quase cheia de mulheres e algumas crianças. O fato se repetiu até a tardinha de sexta-feira. O padre aproveitou para conhecer a maioria das pessoas do lugar. Dona Vivi Knaupp não apareceu em nenhum dos dias. Também não entregou as chaves da igreja, como o padre determinara. Mas ele tinha as cópias trazidas da diocese. Quem apareceu na hora do terço, na sexta-feira, foi o marido, seu Aurélio Knaupp, acompanhado do irmão, Saul Knaupp, que chegara naquela manhã. Até os anos de 1950, toda vez que ele devia partir em uma viagem para algum lugar distante no mundo, primeiro vinha até o lugarejo para despedir-se do irmão. Ao ser apresentado, o padre lembrou-se da moça que, na véspera, viera reclamar uma

máquina de escrever que estava na casa paroquial. Segundo ela informava, a máquina pertenceria ao poeta que agora estava a sua frente. Padre Sinfrônio Bernadet cumprimentou-o e adiantou o assunto. Antes de entrar no particular dos pertences que se encontravam na casa paroquial, naquela conversa de ter que indagar primeiro ao bispo sobre o que era da paróquia ou da diocese, foi surpreendido pelo escritor, que anunciou seu desejo de ofertar ao padre a máquina de escrever em questão. Acrescentou, cheio de orgulho, que naquele equipamento redigira suas duas principais obras, dois longos poemas sobre coisas do Brasil, envolvendo cultura e delírios tão em moda nas primeiras décadas do Séc. XX, que chegaram a assinalar um movimento estético depois desaparecido. Obras as quais, face ao pouco tempo decorrido de sua criação, tornavam o poeta conhecido apenas nas esferas eruditas dos grandes centros do país. Há mais de vinte anos da Semana de Arte Moderna, o poeta ainda não era suficientemente conhecido, ou nem dispunha ainda da notoriedade mais tarde alcançada. O padre Sinfrônio Bernadet, por exemplo, não tinha a menor ideia de com quem estava falando. O poeta, que era também diplomata, mas que já trabalhara em repartições governamentais desde o fim dos anos de 1920, granjeava de notoriedade, claro, nos círculos

literários de São Paulo e Rio de Janeiro. Mas mesmo nesses lugares não se conhecia tudo sobre sua vida privada. Sabia-se, por exemplo, que já tinha vivido com a poetisa Berenice Alves, mais conhecida pelo apelido de Tenya, com quem, durante uma missão no extremo Oriente, viajara para a China. Mas quase ninguém sabia que, por causa de outro notório poeta modernista, por sinal paulista, os dois se separaram. O poeta de São Paulo, na mesma época, chefiando delegação cultural ao mesmo país oriental. Hospedado na embaixada brasileira em Pequim, estreitou relações com a moça que, à época, começava a queixar-se de isolamento geográfico e falta de carinho. A estrondosa separação do casal, a seguir ocorrida, fez com que Tenya se valesse do retorno do outro poeta, abandonando Saul Knaupp para unir-se àquele, com quem constituiria família. Em Guambu-Guaçu, então, nada dessas coisas eram sabidas. Fosse ou não por iniciativa de dona Vivi Knaupp, tal fato jamais seria do conhecimento de alguém na cidade. Até porque dona Vivi jamais iria admitir um abandono desse gênero, justo ocorrido com seu cunhado. Aurélio Knaupp antecipou, pois, o anúncio de que ofereceria banquete pela entronização do novo pároco, após a cerimônia, no sábado. O padre não falou absolutamente nada, não demonstrou satisfação ou contra-

riedade, tampouco agradeceu a gentileza. Simplesmente ficou a olhar com ar indiferente para o homem. Também não agradeceu a máquina de escrever que, naquela oportunidade, lhe era ofertada por aquele poeta. Até chegar o sábado, padre Sinfrônio Bernadet arregimentou bem umas quarenta senhoras e outros poucos senhores, dentre o grupo que o acompanhou nas orações dos terços às seis da tarde. Chegado o grande dia, uma composição de trem especial, constituída por uma locomotiva Hainaut belga carenada, a vapor, ostentando na frente, sobre o cilindro da cremalheira, como na lateral da vagonete de carvão e lenha, o número 32, tracionando dois vagões da administração da estrada de ferro, estacionou na recém-construída estação. Eram nove horas e vinte e sete minutos. Por volta de dez e meia, com a igreja cheia de gente, iniciava-se a solenidade. O séquito de entrada era precedido por cinco padres jovens da diocese. À frente de todos, puxando a fila, o mais jovem deles, padre Talarico Bernadet, que portava ao peito a mitra do bispo. Também se via entre os religiosos o velho padre Apolinário Venturini e um religioso já conhecido na cidade, padre Fâmulo Battocchio. O último a aparecer pela porta de entrada do templo, de ar severo e extremamente sério, foi dom Sinfrônio Weiss, envergando solenes paramentos episcopais. Um coral de

meninos, também trazido no trem pelo bispo, sob condução de um sacerdote idoso, entoava um cântico gregoriano. Composto o grupo em frente ao altar, iniciou-se a cerimônia em latim, como era comum naqueles tempos. Após as práticas introdutórias de praxe, o bispo concelebrou uma missa solene, na qual era ladeado pelos padres Venturini e Sinfrônio Bernadet. Durante a leitura do evangelho, realizada por aquele que estava sendo entronizado como pároco, o bispo em pessoa alongou-se em incisivo sermão, no qual discorreu sobre a função do sacerdote que assume uma paróquia. Alguém daquela época poderia dizer que estava emitindo uma série de indiretas para aquelas pessoas do lugar que, em vinte e poucos anos, não tinham sabido como conviver com essa autoridade eclesiástica. Enfatizou que o pároco representa o bispo, que representa o papa, que representa Deus. Esclarecendo que não pode haver exceção de natureza alguma. Em voz muito alta, quase como em uma repreensão coletiva, disse que o bispo obedece unicamente ao papa, o pároco obedece unicamente ao bispo e os paroquianos obedecem, nessa linha, ao pároco. Em um banco bem à frente, onde se encontravam acomodados os principais personagens do lugar, como autoridades e beneméritos de honra, via-se o casal Aurélio e Vivi Knaupp.

No momento em que o prelado assim discursava, dona Vivi começou a tossir muito alto. No segundo dos acessos, o bispo interrompeu, chamou um padre jovem que se encontrava próximo a ele, segredou qualquer coisa ao ouvido do religioso, que andou imediatamente em direção a dona Vivi. O bispo aguardou que ele a retirasse do adro, conduzindo-a a sacristia. E continuou com sua fala. Todos os presentes entenderam perfeitamente o que acabara de ocorrer. Na sequência, quando dom Sinfrônio Weiss encerrava o sermão e continuava a missa, padre Bartolomeu Battocchio também retirou-se da cerimônia. Acompanhado do padre Talarico Bernadet, encaminharam-se para a sacristia, de onde ninguém mais retornou até o fim da cerimônia. Ao término da missa, o bispo novamente discursou, empossando padre Sinfrônio Bernadet na cadeira de pároco do lugar. Nunca ninguém soube o que ocorreu na sacristia. Mas, terminada a cerimônia, após a retirada do séquito pela mesma porta de entrada, quando o prelado e os demais membros da comitiva cumpriam a todos que se aproximavam, o padre Fâmullo Battocchio entregava discretamente umas chaves para o novo pároco. Quando este conversava ainda na calçada em frente à igreja com o bispo, dona Vivi Knaupp aproximou-se de dom Sinfrônio Weiss e, sem pedir licença, inter-

rompeu a conversa entre os dois. Indagou soberba se os horários das missas de domingo estavam mantidos para o dia seguinte. Pela primeira vez, o padre Sinfrônio Bernadet deu uma demonstração de autoridade local, dizendo para ela que amanhã não haveria missa naquela igreja, pois ele estaria oficiando pela primeira vez em uma capela em pequeno povoado localizado no interior da campanha. O bispo fez que não ouviu nada e voltou as costas para ela. O marido, que tinha percebido tudo, fingindo não perceber nada, aproximou-se para falar do almoço. Nem teve tempo para concluir o que dizia. O bispo, laconicamente, desculpou-se por conta do horário de ocupação da linha férrea para retornar a Santana da Conceição. De sorte que nenhum dos religiosos que o acompanhavam, com exceção do novo pároco, compareceu ao citado almoço. Após a partida da comitiva na pequena composição traçãoada pela “maria-fumaça” que a trouxera, todos os convidados se dirigiram ao almoço em casa de seu Aurélio Knaupp. Almoço este no qual também não se viu a presença da dona da casa que, alegando uma constipação de última hora, permaneceria acamada pelos próximos cinco dias. Padre Sinfrônio Bernadet, desse modo, inaugurou um modo de ser que o acompanharia pelos quase cinquenta anos vindouros. A grande curiosidade do anfi-

trião, que aliás não era curiosidade apenas dele, mas principalmente de sua mulher, foi logo satisfeita. Querendo saber como o padre faria para almoçar e jantar, ficou logo sabendo que o pároco já contratara uma senhora, dona Alzira Marturelli, para esse serviço, além da arrumação da casa paroquial e faxina na igreja. Desse modo, após officiar a primeira missa na pequena capela da Vila dos Linhares, nas imediações da cidade, preparou-se para a missa da segunda-feira. Acordou no horário de sempre e para o qual se acostumara ainda no seminário. Nunca lhe importaram as anedotas sobre o horário em que os religiosos saem de suas camas. Pois línguas maledicentes sempre encontram argumentos para desqualificar qualquer coisa que se faça diferente dos hábitos da maioria. Aquela história de que padres acordam bem cedo, para depois passar o resto do dia a toa, nunca fez o menor sentido para ele. Acordou, barbeou-se rapidamente com a navalha que o avô trouxera da Itália, ainda no século passado. A mãe lhe deu aquele instrumento quando ele foi para o seminário, um ano após o passamento do nono. Recomendou muito para ter cuidado com ele, pois podia se machucar. Levou muito tempo até que se acostumasse a fazer a barba com a navalha. Mas, depois de algum tempo, aprendeu a lidar com ela, tornando-se exímio em

seu manejo e a incorporando a sua rotina matinal de todos os dias. Rotina que aquele padre estabelecia já no primeiro dia de ofício religioso no lugar. Inaugurava, assim, um modo de ser que atravessaria os anos que ainda estariam por chegar. Modo de ser que, apesar das transformações lentas pelas quais a localidade também passaria, permaneceria absolutamente igual. Como igual seria o ajustamento da conduta de todo mundo, apesar de qualquer transformação da cidade, ao seu método, ao seu modo, à maneira como ele conviveria com todos. Dom Sinfrônio Weiss foi embora com a comitiva, deixando clara a literal esnobada nos poderosos do lugar que agora teriam que se sujeitar àquele padre. Durante o almoço em que a mulher do fazendeiro, já devidamente humilhada em público duas vezes pelo que ela considerara um ato oficial da igreja, passou de cama enquanto o batalhão de gente consumia as iguarias que ela mesma mandara preparar, o próprio marido tomou a última e indevida liberdade com o sacerdote. Entre o prato principal e a sobremesa, puxou do bolso um recorte de jornal, no qual se lia a quadra cometida por seu Canarinho. Virou-se para a direita e mostrou-a ao padre, indagando o que ele achava daquilo. As trinta e poucas pessoas que participavam do almoço, aos poucos, percebendo uma conversa nada intimista,

começaram a interromper o que conversavam para prestar atenção no que havia naquele papel, que muitos já conheciam. O religioso tomou o papel entregue pelo anfitrião e, na frente de todos, dando a impressão de que queria constranger não apenas o dono da casa, mas também os demais presentes, em voz alta, leu o que estava impresso: **“Na noite de sexta-feira / Fato grave aconteceu / Acharam Maria Sovada / Na cama com o judeu. / Na sacristia sagrada / Em frente à Virgem Maria / O padre e a mulher sovada / Pecavam e ninguém mais via. / Cansado de dizer missa / Sem se dar conta do mal / O padre vegetariano / Provava do amor carnal”**. Quando concluiu a leitura, via-se que várias senhoras estavam rubras. Assim como muitos dos homens pareciam envergonhados. O próprio Aurélio Knaupp estava visivelmente constrangido. O pároco, então, indagou quem era aquele judeu. Ou, se era judeu, que fazia ele na sacristia. Demonstrando que não estava querendo, nem desejava ouvir qualquer resposta, emendou a seguir, uma série de indagações curtas. Perguntou, por exemplo, em que sacristia ele estaria, se era judeu porque dizia missa, que mal era aquele pelo qual estava se dando conta, quem era o padre vegetariano, quem era Maria Sovada e, enfim, o que a Virgem Maria tinha a ver com tudo aquilo. Como o

silêncio que se seguiu parecia não ter fim, ele mesmo arrematou, dizendo que se devia ter muito cuidado ao tomar o santíssimo nome de Deus, ou o nome de sua santíssima mãe para fazer qualquer gracejo. Pois isto é tomar o nome de Deus e das coisas de Deus em vão. Continuando, afirmou que todos tinham que começar a refletir sobre suas próprias vidas, antes de se ocuparem de falso testemunho, de perjúrio, de injúria, de difamação. Pois, segundo disse, haverá sempre um dia na vida de cada um no qual poderá ocorrer uma provação e, no desespero do momento, cada um se indagar se aquilo não é castigo por alguma maldade que tenha cometido. Depois se serviu da sobremesa, uma compota de pêsego com creme e merengue. Deixando-a pela metade, levantou-se, despediu-se polidamente de todos e foi embora. Como no domingo ninguém o viu, também não houve quem, tendo estado presente àquele almoço, se atrevesse a comentar os fatos ali ocorridos. Pelo menos uma coisa é certa. Até sua chegada a Guambu-Guaçu, todo religioso enviado para lá tinha que decifrar o modo de ser de cada pessoa naquele lugar. Mas quase sempre, cada religioso ia embora, ou não ficava ali, por não conseguir entender cada um. Ou quando entendia já era tarde demais. Agora as coisas se invertiam. Todos começavam a ver que, além do prestígio e do poder

do bispo diocesano, que era tão influente junto ao interventor do estado, quanto sabia das práticas políticas locais, aquele padre também tinha o que eles chamavam de topete. Não tinha uma inteligência brilhante, mas era um soldado da igreja. Para a maioria que o conheceu a partir daquele dia, aquele sacerdote estava cumprindo algum tipo de missão que lhe tinha sido atribuída. Ele não se cansaria de dar pistas para isso. Na primeira semana que começava assim tão cedo, naquele 12 de março, entre outras providências, ele acrescentou passar em um fotógrafo também morador recente do lugar, para tirar o próprio retrato e solicitar ampliações de dois outros: um do Papa Pio XII e um de dom Sinfrônio Weiss. Imagens que o próprio fotógrafo enquadraria e depois afixaria em uma linha oblíqua descendente, na parede esquerda da entrada da sacristia. O que fazia com que fosse a primeira coisa avistada por quem que ali entrasse. Outra providência que ele tomou para também ser entendida como pista na compreensão do significado da importância do religioso naquele lugar, sem dúvida, era o sistema de iluminação interna da igreja. Ele sabia que missa de seis da manhã seria sempre quase vazia. Quem estivesse ali, certamente estaria movido pela fé, pelo princípio religioso e, sobretudo, pela sujeição e disciplina que ele próprio determi-

naria. Ele sempre entendeu que as missas dos dias de semana, oficiadas o mais cedo possível, eram mais importantes que as de domingo para testar a subordinação dos fiéis. Logo ele perceberia que a arregimentação de três senhoras, colhidas na espontaneidade da oração do terço das seis da tarde, teria sido fundamental para o desenvolvimento desse núcleo que o acompanharia por décadas. Na verdade, o que ele estava fazendo era estabelecer um controle feroz das consciências do lugar que, pouco a pouco, ano a ano, evoluiria e se materializaria em uma corrente a seu favor. Com o tempo tudo poderia acontecer. Ele até poderia vir a ser combatido por mais ou menos gente, por grupos, por outras religiões que viessem a se estabelecer futuramente no lugar, pela maçonaria, pelos espíritas, pelos ateus e até mesmo por políticos de oposição ao governo então vigente. Mas sempre haveria aqueles que, moldados sob sua inspiração, o defenderiam, ou negariam qualquer circunstância que não lhe fosse favorável. Assim, acendia as luzes quando ouviu alguém bater à porta principal da igreja. Ainda chovia muito. Dvidou que alguém, ainda antes das cinco, estivesse chegando para a missa. Acendeu a última arandela e andou até a entrada do templo. Girou a chave e puxou a porta. A cena que viu era tanto inesperada, quanto absurda. Um homem de meia-

idade, de capa e chapéu de aba larga, ensopado de chuva, segurava um gancho metálico com a mão esquerda, da qual pedia um peso de carne. Era seu Malaquias, o açougueiro, pai da professora Maria Isabel, os quais ele ainda não conhecia pessoalmente. Quando o homem enxergou o padre, simplesmente estendeu a carne, dizendo que, como não sabia onde entregar, ele decidira vir até a igreja naquela hora, pois a seguir teria que ir a algum lugar cuidar de um abate de bovino. O religioso, embora muito sério, manteve a boa educação e tentou explicar que não pedira carne nenhuma. Ao que o açougueiro justificou que sabia disso, mas que a carne já estava paga e ele tinha que entregar. Então, a contragosto, o padre pegou a carne e ia entrar com ela na igreja, mas o homem indagou como fazer com as carnes dos outros dias. O padre explicou que deveriam ser entregues na casa paroquial, depois das nove horas, para dona Alzira Marturelli. O açougueiro foi embora, o padre entrou, enrolou a carne em uma toalha, depois continuou os preparativos da missa, bateu o sino, paramentou-se e iniciou o seu serviço no horário exato. Havia seis pessoas presentes. Nunca mais viu o açougueiro, que efetuou todas as entregas de carne pontualmente no horário e local determinado pelo padre por quase um ano inteiro. Um dia correu a notícia de que seu Malaquias

tinha morrido de enfarte, em casa, quando se preparava para ir trabalhar. Nesse momento, o fornecimento da carne para o vigário foi interrompido. Antes de completar uma semana após a morte do homem, foi procurado pela filha dele. Até aquele dia o sacerdote ainda não a tinha conhecido. Ela queria encomendar uma missa de sétimo dia pela alma do genitor. Depois das devidas anotações, do exato registro do nome a ser anunciado durante o ofício religioso pela alma do dito cujo, quando a moça já se preparava para deixar a sacristia, o padre fez referência ao único encontro que teve com ele, relatando as circunstâncias daquela madrugada de chuva do dia em que rezou a primeira missa no lugar. Ela disse conhecer o episódio. O padre, sem qualquer cerimônia, indagou pela primeira vez quem pagava a carne. Maria Isabel, lacônica, respondeu que era ele mesmo quem oferecia a carne. E explicou, com detalhes, a razão do feito. Reproduziu toda história desde antes do antecessor, padre Max Lamborghini, que era vegetariano e tinha garantido um suprimento de carne, pago pelo bispo através da família do seu Aurélio Knaupp. Evocou o caso de difamação do qual fora vítima na época, envolvendo o outro religioso. Como igualmente a carona com o médico que a trouxera do local, fora de hora e sem tempo para participar da cena delirante que se contara

sobre ela e o padre. Lembrou as ofensas recebidas repetidas vezes, da autoria dessas ofensas, do envolvimento dos padres que vinham para o local e eram sempre associados a algum episódio danoso ou comprometedor, da posição do genitor em todos esses casos e, por último, do dinheiro que o bispo mandava para que seu pai fornecesse carne aos religiosos estacionados na cidade. Não escapou nada. O padre a ouviu em silêncio e, por fim, aparentando não ter entendido grande coisa, indagou se ela queria se confessar. Ela apenas sorriu para ele. Retirou da bolsa uma nota de cinco cruzeiros, deixou sobre as anotações que o padre fizera para a missa em memória da alma do pai dela, virou-se e saiu por onde entrou. No dia da missa, não foi à igreja. Soube-se depois que se transferira para a capital do estado. Soube-se também uma série de histórias sobre ela na capital, de duvidosa credibilidade, já que o trânsito entre a cidadezinha e aquilo que era a metrópole estadual naqueles tempos era coisa difícil. Na época, apenas os endinheirados percorriam aquele trajeto com frequência, fosse por conta de negócios, férias ou estudos. Padre Sinfrônio Bernadet exerceu aquilo que, nas comunidades como aquela, sempre é chamado de liderança espiritual. Continuou bronco. Anos à frente, depois que dom Sinfrônio Weiss morreu de câncer, desentendeu-se com

o coadjutor, cujo direito de sucessão o garantiu na sinecura diocesana. Dom Lúcio Carlos Marturelli era homem igual ele, nem muito inteligente, nem muito sensível às coisas do gênero humano. Mas era igualmente uma pessoa egocêntrica e atroz quando se tratava do relacionamento, como prelado, com outros religiosos. Depois que esse bispo assumiu, padre Sinfrônio Bernadet conseguiu uma única audiência com ele. Pode-se dizer, só conseguiu a audiência por um problema envolvendo uma rixa na cidade, que de algum modo punha em risco a integridade institucional e o nome da igreja. Um menino de quinze anos, ainda estudante de ginásio, em uma prova de religião, resolveu questionar a autoridade política da igreja na vida nacional, o papel dos religiosos na vida humana e a função da liturgia, envolvendo credos e sacramentos no controle da vida das pessoas. Fato que ocasionou um princípio de escândalo na cidade, levando dom Marturelli a convocar o padre da paróquia e o diretor do estabelecimento público de ensino, que também era padre, para discutir estratégias de defesa institucional. Depois desse episódio, nunca mais quis falar com ele. Assim, amargou um ostracismo pessoal dentro da igreja, que praticamente aniquilou qualquer perspectiva sua de ascensão pessoal. Se é que a tinha. Com o tempo, as pessoas do lugar que não eram tão ligadas a ele, ou

aquelas outras que foram se afastando dele, também começaram a perceber que além da rara inteligência, ele era rancoroso e invejoso. Sofria de uma inveja mórbida por conta da carreira que o irmão, o antigo padre Talarico Bernadet, merecera e com ela progredira velozmente dentro da igreja. O irmão mais novo tornou-se bispo muito cedo, auxiliou prelados importantes, ajudou na criação de dioceses e, por fim, encerrou seus dias chefiando arquidiocese de projeção e respeito no estado natal. Enquanto isso, padre Sinfrônio Bernadet amargou o isolamento. Tornou-se cada vez mais amargo e foi obrigado a cercarse, justamente, de gente como aquela gente do lugar, para a qual fora escalado a corrigir e enquadrar. Assim, todo mundo enquadrado, sem perceber que estava sendo conduzido por um pastor medíocre, também foi punido por ter tido nele a única referência, digamos, espiritual. A mulher do fazendeiro, a última enquadrada de seu rebanho, voltou a cozinhar para ele. Sofreu muito quando o filho escolheu para nora uma das moças da cidade que ela mais detestava, por entender que ela levava vida dupla e dissoluta. Amargou o próprio veneno, que anos antes destilava contra Maria Isabel, a filha do açougueiro, como contra outras jovens da cidade pelo mesmo motivo. Aliás, no dia do casamento do filho, médico recém formado, com

essa moça, padre Sinfrônio Bernadet pretextou uma atividade qualquer fora da cidade e se ausentou. Deixou a incumbência da celebração do matrimônio para um padre alemão muito velho, surdo e doente, que vivia em um hospital na cidade. Quando o poeta, seu cunhado, morreu, o padre também já tinha deixado a incumbência de uma missa de sétimo dia para o pároco de uma cidade vizinha. As pessoas achavam tudo muito normal. Quando o padre simplesmente viajava para não realizar determinada cerimônia, não havia quem associasse a ausência a um ato deliberado do padre, como descaso, desprezo ou pura agressão pessoal. Ninguém pensava em relacionar fatos e ausências. Fosse por achar que era assim mesmo, fosse por não alcançar o real motivo dessas ausências, muita gente jamais entendeu que a falta do pároco, em momentos importantes, era uma omissão decorrente de seu gênio ruim, fruto de seu comportamento perverso ou consequência de um modo de ser em nada compatível com a profissão que exercia. O lugarejo nunca prosperou. Ficou sempre em mãos de políticos com origens nas oligarquias da região. O que se assistiu ali foi a cena de ricos ficarem mais ricos. Mas não se pode dizer que os pobres tenham ficado mais pobres. Porque os pobres de verdade, os que não tinham o que comer, que moravam em barracos bem longe do

centro, aquela pequena quantidade de miseráveis que havia, desapareceu dali. Não que esses pobres tenham melhorado de vida, mas que foram todos embora por não ter mais como sobreviver por lá. Uma cidade pequena que continuou pequena, enfrentando dilemas, escândalos e acidentes. Acidentes fatais ou quase fatais, provocados por bebedeiras e badernas de jovens locais. Acidentes que se tornaram recorrentes a partir do início da popularização das vendas de veículos nacionais, no despreparado cenário de um país que ainda não sabia como cuidar de sua juventude tentada pela velocidade em estradas e ruas ruins. Uma cidade que foi levada a enfrentar suicídios de jovens por razões banais, como o marido que se sentiu apequenar diante da infidelidade da esposa, ou do pai de família que faliu, ou ainda da jovem que se sentiu perdida ante o abandono do noivo que, imitando o que já tinha acontecido antes, decidiu não casar mais. Como também o rapaz de classe média, bem nascido que, por farra, surrupiou um frango em galinheiro alheio para fazer uma galinhada no clube local, sendo depois descoberto e, por não suportar a vergonha pública usou o revólver do progenitor para, com um tiro na cabeça, tirar a própria vida. Ou os assassinatos que ficavam sem qualquer elucidação. Dentre os quais houve aquele a resultar em linchamento do

pretense criminoso dentro da cadeia pública. Convescote diabólico do qual participaram onze cavalheiros da sociedade local, integrantes do grupo comumente denominado de gente de bem. Houve também o caso da mulher holandesa, casada com o principal médico da cidade, que ainda antes dos anos de 1950, envolveu-se na morte de um menor de idade, sendo totalmente descartada da correspondente investigação policial. Morte que aconteceu em sua própria casa. Consta que durante alguns afazeres domésticos, por total impaciência, insatisfeita com o atendimento a uma ordem sua, teria empurrado a criança sobre a boca de um poço existente no quintal da casa em que morava e onde o marido mantinha o consultório. O empurrão fez com que o menino despencasse boca adentro a mais de dez metros de altura, morrendo afogado. Depois da tragédia, passaria muitos anos, com chuva ou tempo bom, com frio ou calor, percorrendo a pé, no fim da madrugada, os trezentos e oitenta e dois metros entre sua casa e a igreja de Guambu-Guaçu. Assídua frequentadora da missa das seis da manhã, por anos, ajudou a garantir quórum ao reduzido grupo de mulheres que preenchiem em dois bancos da frente, na nave da igreja, a assistência daquele ofício religioso matinal. Enfim, uma série de fatos tristes, para dizer o mínimo, que aconteciam naquele

lugarejo, enquanto padre Sinfrônio Bernadet ensinava como a vida devia ser, sem aceitar contestação. Um lugar que parou no tempo junto com ele. Dava até impressão de que ele foi parar ali com a missão exatamente de ajudar no retardamento do processo de evolução social, cultural e econômica do lugar. Durante as longas décadas em que viveu na cidadezinha, circulava com a figura sinistra pelas ruas do lugar. Falava na emissora de rádio, onde dispunha de horário nobre em fim da tarde consagrado à Virgem Maria, discorrendo o que lhe dava na telha. Escrevia no hebdomadário local, vaticinando, dizendo, concitando, dissertando sobre o pecado, formas do pecado e as incontornáveis conseqüências para a alma dos pecadores. Ouvia confissões, sabendo-se lá de que modo constrangia e ameaçava a horda daqueles pecadores que se submetiam ao seu crivo, seu juízo, seu gênio. Depois do Concílio Vaticano II, quando os padres deixaram de usar batina para se misturar às pessoas, numa aparente tentativa de se igualarem ao rebanho das pessoas comuns, padre Sinfrônio Bernadet perdeu a única coisa que o tornava visualmente diferente e o identificava com o que ele realmente era, ou o que realmente fora. Deixou para trás alguns seguidores fanáticos, mas também deixou uma multidão de desafetos. Gente a favor e gente contra que

também foi desaparecendo nas brumas do tempo antes e depois dele. Quando foi obrigado a transferir a paróquia para religioso mais jovem e afinado com os ideários dos novos tempos da igreja, continuou a viver na nova casa paroquial, construída nos fundos da igreja, bem próxima à porta da sacristia, cuja construção fora dirigida por ele próprio quarenta anos antes. Já no início dos anos de 1990, começou a enfrentar problemas sérios de saúde. Alguns anos antes de morrer, quando metade daqueles que não o suportavam já tinha desaparecido ou partido para outros lugares no mundo, também ele adoeceu para ir morrendo aos poucos. Na cidade sempre houve quem o reverenciasse, seja por total desinformação, seja por tolerância social, seja ainda por proximidade ou semelhança com ele. Na longa doença que o vitimou, sofreu o derradeiro castigo. Foi obrigado a deixar de comer carne. Justamente carne, que ele tanto apreciava. Ninguém nunca soube se ele ainda se recordava do açougueiro Malaquias.

*Victor Aquino*  
Vinhas de São Jorge  
São Roque, 2013

Na noite de sexta feira  
Fato grave aconteceu  
Acharam Maria Sovada  
Na cama com o judeu.

\*\*\*

Na sacristia sagrada  
Em frente à Virgem Maria  
O padre e a mulher sovada  
Pecavam e ninguém mais via.

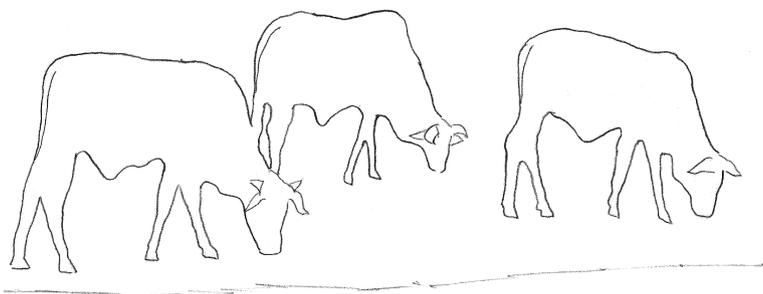
\*\*\*

Cansado de dizer missa  
Sem se dar conta do mal  
O padre vegetariano  
Provava do amor carnal.



## 2a orelha

*menor interesse de ver instalado um pároco em caráter permanente no lugar. Durante mais de uma década conseguiu escorraçar do lugarejo todo padre que chegava com a incumbência de ficar. A gota d'água, entretanto, seria um recém-ordenado sacerdote, de hábitos nada convencionais para o povoado, pois era vegetariano em um lugar marcadamente carnívoro. Objeto do desafeto da senhora em questão desde a chegada, acabaria se tornando alvo em um complicado caso de injúria e difamação. Foi uma espécie de tiro pela culatra, pois o bispo aproveitou o caso para colocar um fim naquela estória de que ali não parava padre algum. O religioso escolhido para substituí-lo, que permaneceria por mais de cinquenta anos na cidadezinha, acabaria por demonstrar que quase sempre a ignorância exercida em nome de Deus é muito mais forte que a intolerância, arrogância e o voluntarismo de quem anda em outra direção.*



ISBN 978-85-87963-44-4



9 788587 963444